



FOTOGRAFIA E ESCRITA NEGRA

RECONTANDO HISTÓRIAS, CONSTRUINDO ELOS

Maria Valéria Barbosa
Daniela Lira
Mariana Sousa
(orgs.)



FOTOGRAFIA E ESCRITA NEGRA

**RECONTANDO
HISTÓRIAS,
CONSTRUINDO ELOS**



Coordenação editorial: Rafael Silvaro
Capa, projeto gráfico e diagramação: Danielle V. Cardoso
Revisão de textos: Marcelo Silveira
Banco de imagens: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 88466

B238f Barbosa, Maria Valéria; Lira, Daniela Almeida; Sousa, Mariana Alves de

Fotografia e Escrita Negra: recontando histórias, construindo elos / Organizadoras: Maria Valéria Barbosa, Daniela Almeida Lira, Mariana Alves de Sousa; Coordenadora: Mariana Cristina Teles da Silva; Autores(as): Alex Ratts, Ana Maria Klein, Anderson Rodrigues, Andreas Hofbauer, Carolina Baruel de Moura, Dagoberto José Fonseca, Daniela Almeida Lira, Elizabeth Aparecida Tapias Martinez, Fabiana da Silva Soares, Gabriel Silva, Jéssica Machado, João Astaque, Júlia Brito, Kalliane Oliveira, Leonardo Lemos de Souza, Maré Magalhães Moreira, Maria Eduarda de Moraes Torres, Mariana Alves de Sousa, Mariana Cristina Teles da Silva, Maria Valéria Barbosa, Marleide Rodrigues da Silva Perrude, Monica Abrantes Galindo, Paulo Eduardo Teixeira, Pollyanna Fabrini Silva, Priscila Floriano da Silva, Robson Justino Guedes da Silva, Thabata Mayara Rodrigues, Tiago Vieira Rodrigues Dumont; Curadoria das fotos: Italo Yuri Leal Mendes. – 1. ed. – Londrina, PR: Editora Madrepérola, 2023.

162 p.; fotografias.; 14 x 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87269-91-7

1. Ancestralidade. 2. Escrita e Fotografias Negras. 3. Movimento Negro. 4. Pertencimento. I. Título. II. Assunto. III. Autores. IV. Organizadoras. V. Coordenadoras.

22-3004666

**CDD 770:305.8
CDU 77.03(=414)**

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Fotografia; Grupos sociais: população negra.
2. Fotografia; Grupos étnico-raciais.



FOTOGRAFIA E ESCRITA NEGRA

RECONTANDO HISTÓRIAS, CONSTRUINDO ELOS

Maria Valéria Barbosa
Daniela Lira
Mariana Sousa
(orgs.)



Editora Madrepérola
1ª edição • 2023



Esse livro é dedicado à Maria Beatriz Nascimento, por ser fonte de inspiração e resistência e à Januário Garcia, pela atuação enquanto fotógrafo e ativista negro.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Somos Atlânticos, Somos NUPE.....	13
<i>Memórias do NUPE da faculdade de filosofia e ciências da UNESP, campus Marília.....</i>	17
A coordenadoria de ações afirmativas, diversidade e equidade na UNESP: compromisso com o antirracismo.....	21

SEÇÃO 1

Introdução	27
Escritas e escrevivências negras.....	35

SEÇÃO 2

“SOU ATLÂNTICA”: a relevância de produções fotográficas sob a perspectiva decolonial para a construção de contranarrativas.....	45
---	----



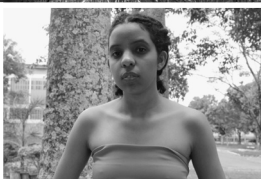
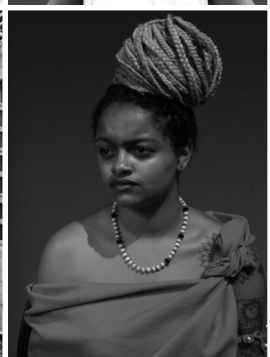
SEÇÃO 3

Vivência em dois atos: fotografias e escritas	51
O legado de Nzinga Mbandi: ontem e hoje	53
O preto é a cor da liberdade: a valiosa herança de zumbi dos palmares para os negros brasileiros .	57
Inspiração que atravessa o tempo: uma reflexão sobre teresa de benguela e sua influência para o empoderamento.	61
Sobre encontros e confrontos no atlântico negro	65
A importância da narrativa de mulheres negras sobre si: o legado de Carolina Maria de Jesus . . .	69
“Gritaram-me negra!”: Ancestralidade, luta e arte das mulheres negras na construção de uma afro estima.	75
Histórias que ecoam: o legado de Abdias e Malcolm-X.	81
Milton Santos e a potência do homem negro intelectual	85
EU, REI?	89
Da carne mais barata à mulher do fim do mundo: (re)existências inspiradas pela vida e obra de Elza Soares	95
A vida sentida por meio da subjetividade da música: entrelaçamento de sentidos	101
Lélia Gonzalez: o florescer das rosas negras. . .	105
Navegando nos mares de Maria Beatriz Nascimento: memória, luta e pertencimento . .	111

Sueli Carneiro: “escritos de uma vida” por re-existências	115
Negridão: escuridão pertence ao universo por isso somos livres	117
Uma vida, milhões de mortes	123

SEÇÃO 4

Intervenções educativas a partir da exposição sou atlântica.....	129
O autoamor como parte da intervenção pedagógica fotográfica antirracista e feminista: é <i>nois pretos!</i>	131
No caminho da luz, todo mundo é preto e preta: caminhos do ensinar e aprender	135
Considerações finais	141
Referências	145
SOBRE AS AUTORAS E AUTORES	149





APRESENTAÇÃO

VIDAS NEGRAS ATRAVÉS DA IMAGEM E DO CORPO

Quando Beatriz Nascimento diz “Eu sou Atlântica”, ela nos permite estabelecer várias pontes entre África e Américas, triangulando-as com a Europa. É um passo político, econômico, teórico, cultural e simbólico que transcende noções comuns restritas ao patamar escravista.

A ideia de transatlanticidade é uma concepção de diáspora, possibilitando que os quilombos, os terreiros e as expressões culturais negras sejam vistas e interligadas entre si e com dimensões sociais, territoriais e simbólicas africanas.

A questão da “perda da imagem” e de sua recuperação, longa e diferenciada, está no cerne da exposição “Eu sou Atlântica” que constitui o material fotográfico deste livro. Pessoas negras brasileiras são fotografadas como personas negras da África e diáspora. São retratos que se tornam passagens da invisibilidade ao espelho dos reflexos adequados, do estereótipo a um repertório de referências, da negação de si a uma existência pela imagem e pelo corpo.

Ao delinear a escrevivência como traço comum às pessoas negras, sobretudo às mulheres, Conceição Evaristo nos aponta que temos direito a memórias, a semelhanças e outras inscrições do corpo no mundo. A proposta da (foto)escrevivência imprime várias camadas ao ato de se ver numa persona como algo possível nesse mundo de ilustrações com pouca pro-



fundidade e de ilusões imagéticas, a que nos cabe desvendar e reconstruir.

Ao ler os relatos e ver as fotografias lembro do poema que compõe o texto “Invocação a Zumbi dos Palmares” em que a historiadora, poeta e militante, Beatriz do Nascimento, busca e retoma o Zumbi do passado, lhe atribui significados e o re-apresenta em uma complexa variedade de imagens:

Comandante das armas de Palmares
Filho, Pai, Irmão de uma nação
Eu te vi, Zumbi
Nas migrações diversas dos teus descendentes
Eu te vi, adolescente, sem cabeça e sem rosto
nos livros de história
Eu te vejo mulher em busca do meu eu
Te verei vagando
Ó! Estrela Negra
Ó! Luz que ainda não irrompeu
Te trago no meu coração
Na minha palma de mão
Verde como o Palmar
Eu te levo na minha esperança
No tempo que está por vir... (NASCIMENTO,
1989)¹

1 Poema lido na parte final do documentário Orí (1989) e inserido no texto-manifesto “Invocação a Zumbi dos Palmares” diante do monumento a ele dedicado, situado na cidade do Rio de Janeiro em 20/11/1990.

No processo de elaboração deste trabalho, devo ressaltar a fina e densa interlocução com o livro “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento” e que representa o meu encontro com parte de seus percursos e de sua obra. Tenho consciência que aquilo que porventura passa por mim deve chegar a quem ela queria que chegasse.

Beatriz Nascimento nos possibilitou vislumbrar a trama segura das nossas imagens interligadas, numa postura que confronta as narrativas hegemônicas da colonização e do colonialismo. Nós nos vemos nela e vemos com ela.

Alex Ratts

Universidade Federal de Goiás








SOMOS ATLÂNTICOS, SOMOS NUPE

Dagoberto José Fonseca
Monica Abrantes Galindo

 Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE) teve sua origem nos diálogos entre docentes, discentes, assessores e funcionários técnicos administrativos negros e estudiosos das populações afro-brasileiras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP). As origens históricas e os ideários que o constituíram remontam ao ano de 1999, mais precisamente no segundo semestre, culminando com a sua fundação oficial, em janeiro de 2000, no interior da Reitoria da UNESP. Estando vinculado a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX), atualmente denominada de Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) fazendo parte do Programa Unesp de Integração Social e Comunitária (PISC), sendo um projeto que procurava alicerçar um conjunto de ações relacionadas a temática das relações étnico-raciais, a fim de dar sustentação teórica e prática aos alunos de graduação e de pós-graduação em seu processo formativo, bem como aos demais docentes e servidores da universidade.

Quando de sua criação, estava nítido para os seus fundadores que ele não seria um núcleo para falar sobre o negro, nem era do negro, mas para estabelecer um diálogo crítico e



problematizador acerca das relações étnico-raciais no interior da UNESP e fora dela.

Estava evidente para todos os fundadores e, assim, no seu projeto de fundação, que o NUPE iria primar pelo protagonismo objetivo dos negros e dos estudiosos das relações étnico-raciais no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão. Neste sentido, o NUPE se colocou e tem buscado manter essa posição de ser uma ponte que liga a universidade e a população negra, independentemente de sua localização espacial/geográfica ou histórico/temporal nas faculdades/institutos, campus, cidades do Estado de São Paulo, do Brasil e do exterior.

O NUPE também tem o entendimento e a dimensão política de que ele não é um núcleo da PROEC, mas que se encontra nela, sendo de toda a UNESP, valorizando em conjunto as ações de extensão, bem como se relacionando com todas as pró-reitorias e com o gabinete da Reitoria da universidade a partir de suas ações e projetos.

Nas diversas unidades universitárias da UNESP, o NUPE, se faz presente a partir dos seus Grupos de Trabalho (GT-NUPE). Todos os GTs seguem as orientações programáticas e diretrizes, respeitando a sua origem histórica e as propostas de fornecer formação de qualidade aos discentes de graduação, de pós-graduação e comunidade em geral, de modo a articular as atividades extensionistas com a pesquisa e o ensino. Nesse sentido, atividades e ações variadas são desenvolvidas nas unidades, dentre outras, eventos artísticos culturais, formações, organização de livros e materiais, rodas de conversa, apoio a grupos locais, além da atuação geral na promoção e no destaque dos aspectos da temática das relações étnico-raciais em todos os espaços da universidade, desde as questões administrativas até o ensino, pesquisa e extensão.

A organização do presente e precioso livro pelo Grupo de Trabalho de Marília é a materialização das possibilidades de atuação do NUPE como promotor, incentivador, captador da temática e dos recortes étnico-raciais a partir da universidade, influenciando e enriquecendo nossa comunidade interna e, simultaneamente, contribuindo para o enriquecimento de toda nossa sociedade. Cumpre assim um ideal de formação de nossos alunos, articulação da comunidade acadêmica e divulgação dos conhecimentos e das possibilidades de sistematização desses conhecimentos que nos é próprio como universidade, sem nos esquecermos nunca que conhecimentos são gerados em locais diversos e por agentes diversos.

Assim como a população africana e negra, constituidora e colonizadora do Brasil, a exposição Sou Atlântica, percorre diferentes caminhos firmando suas contribuições por onde passa: parte do saguão da UNESP de Marília e a partir de um evento acadêmico de sociologia, vai para outra universidade, abre-se para as possibilidades de trabalho didático nas escolas da cidade e agora, em forma de livro, nos brinda e avança levando essa experiência, que é a experiência de todos os participantes e de todos que eles representam, para além no nosso olhar.

Experiências e vivências – escritas e fotografadas, além do olhar, além do mar, além do fazer, além do ser são mais do que expressões que rimam, revelam o movimento aqui expresso das experiências que viraram uma exposição, se transformaram em ações e agora em livro simbolizam os movimentos dos africanos e negros brasileiros iniciados pelo Atlântico e, que damos continuidade avançando, construindo e reconstruindo os espaços por onde passamos e nos fixamos. Somos atlânticos, somos NUPE.







MEMÓRIAS DO NUPE DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA UNESP, CAMPUS MARÍLIA

Andreas Hofbauer
Paulo Eduardo Teixeira

Quando cheguei (Andreas) à UNESP, em 2001, encontrei alguns/mas poucos/as alunos/as negros/as interessados/as em debater questões raciais, logo depois surgiu o NUPE. Quem estava na coordenação era a saudosa colega Claude Lépine, que tinha um jeito todo especial de lidar com a moçada. Busquei logo me inteirar das atividades do grupo, já que minha área de pesquisa convergia com as discussões e interesses da mestra Claude, e também com os anseios das/os jovens alunas/os. Éramos poucos, mas havia muita coisa para fazer: pesquisar, questionar, movimentar. Buscávamos cultivar um ambiente de convivência em que todo mundo pudesse se sentir à vontade e acolhido. Este ponto sempre me pareceu fundamental, mais até do que qualquer meta acadêmica. Se não funcionava para todas/os, a maioria, no entanto, parecia estar contente com a atuação no e junto ao grupo. Como não fui socializado neste país, e tendo chegado ao Brasil já com o objetivo de pesquisar os mais variados aspectos da questão racial e das culturas afro, o convívio com jovens negros e negras foi tam-



bém uma escola para mim. Aprendi muito e continuo aprendendo com a convivência com nossas/os discentes negras/os e lhes sou muito grato pelo modo com que me acolheram e pela confiança que em mim depositaram.

Numa época em que não havia ainda cotas na universidade pública, o número de negras/os na faculdade era ainda menor. As primeiras turmas tinham uma grande necessidade de falar sobre a sua própria situação, as dificuldades e discriminações que sofriam no cotidiano e, inclusive, no mundo acadêmico. Assim, o NUPE funcionava também como um espaço em que as/os alunas/os podiam falar sobre coisas que fora dali não podiam abordar (exceto nos âmbitos da militância negra) ou se as articulassem sabiam que dificilmente seriam ouvidas/os e compreendidas/os. Os pontos mais altos das nossas atividades foram os eventos que promovemos. Organizávamos palestras, minicursos e, todos os anos, fazíamos uma programação especial durante a Semana da Consciência Negra. Conseguimos publicar também partes das nossas pesquisas, alguns artigos saíram na revista *Ethnos Brasil*, uma publicação semestral do NUPE, que infelizmente cessou em dezembro de 2010 quando foi publicado o volume nº 2, do Ano 8 – Cultura/Sociedade.

A Resolução UNESP nº 43, de 22/03/2012, estabeleceu um novo Regulamento do NUPE, o qual foi implementado apenas em 2015 durante a gestão da Pró-Reitora de Extensão Mariângela Spotti Lopes Fujita. Nesse período participei (Paulo) de diversas atividades preparatórias para o restabelecimento desse importante projeto de extensão, uma vez que conhecia, por intermédio das gestões da Claude e do Andreas, a importância do NUPE e de suas atividades. Assim, foi durante a I Conferência do NUPE realizado na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus Bauru, em 19/07/2015, que a Pró-Reitora estabeleceu a reorganização do NUPE com a indicação do Coordenador Executivo, Dr. Juarez

Tadeu de Paula Xavier (FAAC/Bauru) e Vice-Coordenador, Dr. Sebastião de Souza Lemes (FCL/Araraquara). Para a representação do NUPE de Marília fiz a indicação do Dr. Edemir de Carvalho, da Dr.^a Maria Valéria Barbosa, por entender a importância deles na fundação do NUPE em 2003, sem no entanto me furtar a integrar o quadro de Supervisores do Grupo de Trabalho local, o que acabou acontecendo no dia 14/10/2015 em uma reunião/evento em que o Prof. Juarez esteve presente em Marília e pode responder a questionamentos dos estudantes sobre a representação discente pela PROGRAD para tratar de assuntos relativos às cotas na UNESP.

Assim, a partir de então fui (Paulo) indicado para a Supervisão do GT local tendo o apoio na Vice-Supervisão da Valéria e durante o restante de 2015 e 2016 tivemos várias reuniões para a reorganização do NUPE, a do dia 20/04/2016 que contou inclusive com a presença do Reitor Durigan em que foi cobrado maior apoio da Reitoria para pensar o NUPE como um projeto permanente. No âmbito local realizamos várias atividades, com destaque para a organização da I Semana Acadêmica Africana (2016), com o apoio da Prof.^a Rosângela Vieira de Lima que envolveu os estudantes do Curso de Relações Internacionais na construção e participação desse evento, que anualmente foi reeditado até o ano de 2019. No ano de 2021, em meio a pandemia, a Prof.^a Valéria passou a integrar a Vice-Coordenação Executiva do NUPE, enquanto localmente o GT passou para a Supervisão de Andreas e Paulo Teixeira como Vice-Supervisor (Portaria UNESP N° 47, de 24 de março de 2021).

Se diversas coisas mudaram, evidentemente, nesses últimos 20 anos no Brasil, no mundo acadêmico, e inclusive no que diz respeito a alguns aspectos da questão racial, os desafios para um grupo como o NUPE continuam grandes. O tema *racismo* entrou, já faz algum tempo, definitivamente, na pauta política do dia a dia, tornou-se uma questão nacional que não



pode mais ser ignorada no mundo acadêmico nem nos debates políticos. Hoje há, comparado com o momento em que ingressamos na UNESP, bem mais discentes negras/os nas universidades públicas. Já existe toda uma geração de pesquisadoras negras e negros extremamente competentes. Houve avanços, mas as contínuas discriminações exigem que o mundo acadêmico continue reagindo com pesquisas sérias e propostas de transformação. Neste cenário, o NUPE-Marília continua sendo um espaço em que jovens negras e negros podem dedicar-se a esta luta acadêmica, que é também política. O desenvolvimento do presente livro e da exposição *Sou Atlântica* demonstram essa característica do grupo, em que há uma busca por ressaltar a importância do debate racial e demarcar que a universidade pública também é dos sujeitos negros que constantemente se mobilizam e caminham em direção à construção de espaços de pertencimento, luta e debate crítico.

Olhando para os objetivos e as motivações do grupo, não sinto muita mudança em relação ao início deste milênio. Somos um grupo pequeno. Preocupamo-nos um/a com o/a outro/a e temos interesses em comum. A partir da realização de eventos e reuniões procuramos nos aprofundar em novas temáticas e teorias e, atualmente, estamos desenvolvendo projeto de pesquisa coletivo, onde queremos mapear a presença negra na cidade de Marília/SP, além da organização do presente livro. Esses trabalhos visam registrar e perpetuar parte da atuação do NUPE/Marília e de jovens negros/as presentes na universidade. Queremos mapear e ressaltar a importância da *presença negra* na cidade em que estamos. Esperamos poder em breve apresentar à comunidade mariliense alguns resultados do nosso estudo *Marília Negra: Mapeamento dos Territórios Negros* e dialogar acerca da importância de livros como esse no combate ao racismo e fortalecimento da identidade negra.



A COORDENADORIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS, DIVERSIDADE E EQUIDADE NA UNESP: COMPROMISSO COM O ANTIRRACISMO

Leonardo Lemos de Souza
Ana Maria Klein

A UNESP em sua história recente tem realizado ações voltadas ao debate e à promoção de políticas afirmativas e ao combate à discriminação e às violências na comunidade acadêmica, com base nos princípios de direitos humanos.

Em 2018, por intermédio da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Pró-reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEC) e da Reitoria, e com apoio da Ouvidoria, a UNESP firmou convênio com o Santander visando desenvolver o Projeto Educando para a Diversidade, com o objetivo de disseminar ações, debates e conteúdos com vistas à transformação do ambiente universitário em um espaço seguro e inclusivo para a comunidade acadêmica, de maneira particular, e para a sociedade de maneira mais ampla.

Em março de 2021, a vice-reitoria da universidade constituiu a Assessoria de Ações Afirmativas, Diversidade e



Equidade, posteriormente, institucionalizada como coordenadoria, assumindo o desafio de reconhecer as diversidades e os direitos humanos como pautas e linhas de ação institucional visando a equidade e a inclusão.

Dentre as temáticas que envolvem o trabalho da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI) está o compromisso com a construção de uma universidade que represente a diversidade étnico-racial da sociedade. Ao mesmo tempo se compromete com a institucionalização de uma política antirracista da universidade, a qual demanda ações articuladas com todos os segmentos acadêmicos e relações com a sociedade.

O Brasil não pode mais conviver com as violências e as desigualdades que atingem a população negra. A universidade tem um importante papel a desempenhar, por meio de políticas institucionais inclusivas e ações afirmativas que permitam aos/às estudantes negros e negras que tenham acesso pleno a formação universitária e possam concluir seus cursos em condições igualitárias. Dentre alguns dispositivos fundamentais que colaboram no processo de construção de espaços democráticos está o protagonismo de perspectivas negras e decoloniais em pesquisas, aulas e debates. Tais dispositivos desnaturalizam preconceitos e violências ao desnudarem o racismo cotidiano em suas diferentes manifestações na sociedade por meio de projetos e publicações que estendem as discussões e os novos conhecimentos à sociedade.

Para isso o trabalho conjunto entre a CAADI e o NUPE é fundamental, pois a expertise dos/as pesquisadores/as e seus projetos concretizam as diretrizes da política institucional. Decorrente desta colaboração, emergem ações normativas, levantamentos e análises de informações institucionais e acadêmi-

cas, suporte financeiro e pedagógico e iniciativas informativas e educativas.

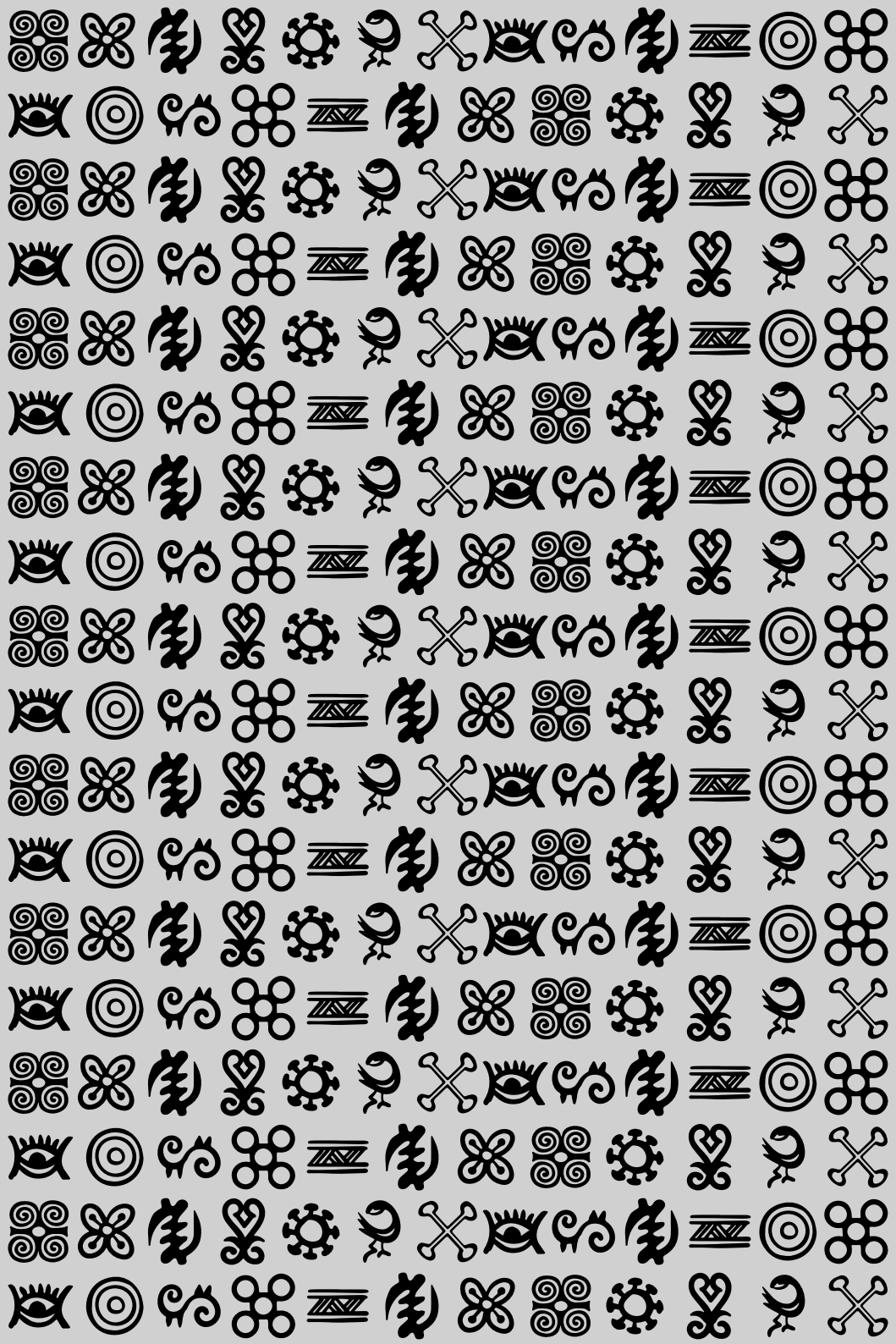
O lançamento do presente livro, que materializa mais uma parceria com o NUPE, representa o compromisso da CAADI com uma educação antirracista que contribui para o fortalecimento da identidade por meio do resgate de referências negras. Como as autoras colocam, o fortalecimento coletivo que pode “proporcionar para aqueles que estão por vir a esperança de um outro mundo possível e a necessidade de seguir nessa luta”.

Para a CAADI e para a UNESP, a educação antirracista como um projeto institucional e social é a esperança de uma sociedade justa, inclusiva e livre de preconceitos e violências. Com muito orgulho e esperança, vemos nascer este livro.



SEÇÃO 1








INTRODUÇÃO

Maria Valéria Barbosa
Daniela Almeida Lira
Mariana Alves de Sousa

“Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. África e América e novamente Europa e África. Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe. Eu sou atlântica.” (NASCIMENTO, 1989).

 presente livro apresenta o resultado da exposição Sou Atlântica, que surgiu com e para estudantes negros (as), a partir do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão - NUPE que buscava, naquele momento, colaborar com o fortalecimento da identidade por meio do resgate de referências negras e, sobretudo, pelo interesse de encontrar na Universidade um local de acolhimento e pertencimento. Ou seja, o anseio por se aquilombar em um espaço que ainda nos é, muitas vezes, hostil.

Nesse sentido, foi em meio a encontros para discussões teóricas, troca de ideias, experiências, risadas e afeto que a exposição se tornou uma realidade. Em um país que ainda extermina jovens negros (as) entendemos que a compreensão sobre a nossa história é essencial para caminhar em direção a outras possibilidades. E, com a predominância de discursos que nos tiram a humanidade, é necessário que a gente se una e



contraponha essa narrativa. Não para convencer nossos olhos, mas para nos fortalecer enquanto coletivo.

A busca pelo fortalecimento coletivo não é novidade entre nós, sujeitos negros, pois desde os quilombos até a formação dos grupos de Rap, das favelas às universidades, no Movimento de Mulheres Negras ou de juventude, ou mesmo nos diferentes momentos do movimento negro; a percepção acerca da necessidade de nos unir, é uma constante que a população negra carrega em cada uma de suas gerações.

Busca que ocorre, também, pela continuidade na construção de uma linha histórica que dê sentido e significado à vida de cada um e de todos/as. Tudo aquilo que fazemos, tem como objetivo proporcionar para aqueles que estão por vir a esperança de um outro mundo possível e a necessidade de seguir nessa luta. Logo, nossa existência é impactada direta e indiretamente por tudo o que aqueles que vieram antes conquistaram, escreveram e construíram, apesar do contínuo apagamento que a população negra sofre no decorrer dos anos.

A exposição *Sou Atlântica* tomou corpo após longas discussões, tendo como foco o legado de Beatriz Nascimento, o qual visava contrapor esse cenário de apagamento. Fez isso, ao colocar em evidência a contribuição dos diferentes sujeitos/as negros/as e demonstrar que para além das opressões, também, há uma história de luta. Seu título faz referência aos escritos de Maria Beatriz Nascimento (1989) que expressa isso por meio de sua obra e ao livro de Alex Ratts¹ (2007), que retrata a vida e as contribuições da autora.

Mulher negra, nordestina, historiadora, poetisa, migrante e ativista do movimento negro. Beatriz escreve sobre seus deslocamentos no mundo e, a partir disso, alinha suas experiências com a realidade da população negra e seus processos de saída “[...] da África para América e dentro do Brasil, entre o rural e o urbano, entre Nordeste e o Sudeste.” (RATTS, 2007, p.74).

Dessa maneira, a autora demonstra a importância de resgatar a potencialidade das trajetórias negras e suas lutas e contribuições, mesmo em meio a processos de violências e escravização, fatores que permitem “criar elos de ligação numa história fragmentada” (NASCIMENTO, 1989) e que interferem diretamente no ser negro(a) hoje.

Como forma de reconhecimento, ao lamentar a morte precoce da intelectual, Ratts (2007, p. 20), expõe que a superação do sentimento de tristeza surge ao imaginar que os projetos interrompidos de Nascimento se concretizam em outras pessoas e coletividades pelo país. Isso deixa em evidência como há estreita ligação entre as trajetórias de sujeitos negros quando estes dão continuidade a projetos e lutas anteriores.

Nota-se que Ratts (2007) expõe isso a partir de sua própria existência: “Beatriz Nascimento é uma das âncoras de meu barco a deriva no Atlântico.” (2007, p. 19). Em outro momento relata, “[...] Muitas vezes me pego diante de uma fotografia sua como se fosse um espelho, embora ele não reflita a minha imagem.” (2007, p. 20). Assim, torna-se evidente que o processo de estudo e conhecimento acerca da vida e obra de Maria Beatriz Nascimento permite que elos sejam criados entre sua trajetória e a da autora.

Nesse sentido, a exposição *Sou Atlântica* buscou, a partir da participação das juventudes negras, reproduzir fotos de mulheres e homens do movimento negro que possibilitam estabelecer elos entre passado, presente e futuro, tendo dois direcionamentos importantes:

- 1) demonstrar como as trajetórias de pessoas negras se entrecruzam quando se considera que a luta do movimento negro e seu histórico de conquistas tem impacto direto na vida das juventudes negras. Ao fazer isso, busca-se criar elos em uma história que é constantemente negligenciada a partir da compreensão da importância dos que vieram antes para subsidiar o hoje;



2) evidenciar como a busca por uma sociedade livre do racismo e de qualquer discriminação é desdobramento da luta de diversos sujeitos — alguns representados na exposição — que continuam sendo buscadas pelas juventudes negras do Brasil e do mundo.

O referido resgate da história e lutas da população negra, são demonstrados por meio de algumas personalidades como Milton Santos, Maria Remédios Del Valle, Malcolm X, Marielle Franco, Maria Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, e permite evidenciar o que Gomes (2017) denomina de Movimento Negro Educador, que produziu e produz saberes emancipatórios e, mais do que isso, inaugurou no Brasil a preocupação epistemológica e política acerca das questões étnico raciais. Este movimento de ruptura questiona o conhecimento científico hegemônico e colabora para o surgimento de novas temáticas a partir da indagação de conceitos e da dinamização do conhecimento.

Nas Ciências Sociais e Humanas, este debate se faz relevante, uma vez que há uma marginalização do conhecimento e do legado produzido por intelectuais e militantes negros(as). Tal processo de apagamento está fundamentado, em grande parte, por uma visão moderna/colonial eurocentrada, que reforça a subalternização de minorias racializadas com o intuito de manter a predominância de uma história “oficial” marcada por feridas coloniais.

A partir da perspectiva colocada pela exposição, demonstra-se a possibilidade de uma outra visão sobre o processo de construção do(a) pesquisador(a) e do sujeito, que expõe a interferência e a influência dos que vieram antes, de suas produções intelectuais e trajetórias de vida, abrindo caminhos historicamente negados a populações marginalizadas. Ratts cita Abdias Nascimento que, ao fazer crítica a suposta objetividade científica exigida pelas ciências sociais, anuncia “[...] Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada.” (RATTS, 2007, p. 19 apud NASCIMENTO, 1978, p. 41)4.

Considerar parte da matéria investigada implica compreender como aquilo que é pesquisado ou exposto faz parte da nossa constituição enquanto sujeito, sendo que a transposição dessa perspectiva para as vivências de pessoas negras é importante pelo contínuo apagamento da história da população negra nos livros didáticos, nas grades dos cursos de graduação e pós-graduação, na produção científica e nos diferentes âmbitos da sociedade.

O próprio livro “Eu Sou Atlântica”, demonstra que assim como muitos outros intelectuais negros(as), Nascimento, apesar de suas ricas contribuições no campo das relações étnico raciais, demora a ser reconhecida no meio acadêmico, constatando que “[...] uma das questões que identificamos nessa pesquisa é o ‘esquecimento’ do(a) autor(a) negro(a) na academia brasileira, notoriamente, nas Ciências Sociais.” (NASCIMENTO, 2007 p. 30).

Ao situar essa problemática, o autor expõe que o resgate da obra de Maria Beatriz Nascimento busca quebrar com essa violência, citando Sueli Carneiro ao dizer que o ato de nomear e lembrar é essencial na contraposição da invisibilidade, o que é imprescindível não só para o processo de reverência dos que vieram antes, mas para que autoras como Beatriz Nascimento passem a ser lidas, referenciadas, criticadas e consideradas para além de um contexto específico, ou seja é “ [...] um projeto de investimento no resgate de uma “linhagem de pensamento e de ação” e, conseqüentemente, de afirmação de sujeitos do conhecimento historicamente desprezados.” (NASCIMENTO, 2007, p.13).

A exposição Sou Atlântica buscou realizar isso por meio de releituras de fotografias de pessoas negras em que visa o resgate de suas produções e contribuições e, para além disso, demonstrar um histórico de luta que desde a escravização é constante por parte desses sujeitos. Além desta dimensão, cabe ressaltar que a oficina de fotografia e a escolha por fotos em preto e branco tiveram a dimensão de enxergar as personalidades e as nossas vidas



entrelaçadas por meio de outras luzes, a do pertencimento e da existência a partir do outro. A exposição, também, impactou os ambientes onde ela foi montada, saguão da Unesp de Marília e Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estabelecendo um outro diálogo com o público que interagiu com as fotos.

Dessa maneira, o livro se compõe a partir da colaboração de graduandos e pesquisadores(as) negros(as) comprometidos(as) com a construção de práticas e perspectivas antirracistas. A primeira parte intitulada “Escritas e escrevivências negras”, de autoria de Mariana Cristina Teles e Mariana Alves de Sousa, busca apresentar o significado da escrevivência (EVARISTO, 2017)² para a exposição e para a produção dos textos, proposta metodológica sistematizada por Conceição Evaristo. As autoras destacam a relação entre a escrevivência e a experiência dos(as) autores(as) que produziram e participaram da exposição “Sou Atlântica”, considerando que a escrita das diferentes histórias também possui uma dimensão coletiva, marcada pelas semelhanças entre as trajetórias de diferentes pessoas negras. Assim, torna-se perceptível como as vivências negras de diferentes sujeitos possuem um “elo” propício a um resgate ancestral das histórias e memórias daqueles (as) que vieram antes de nós ou que ocupam diferentes contextos.

A segunda seção, intitulada “‘Sou Atlântica’: a relevância de produções fotográficas sob a perspectiva decolonial para a construção de contranarrativas”, de autoria de Anderson Rodrigues. O texto apresenta a noção de (foto)escre(vivência) (BISPO, 2016) e como a mesma se relaciona com as produções realizadas a partir da oficina de fotografia que precedeu a exposição. Além disso, busca salientar a importância da experiência da releitura

2 Conceição Evaristo apresenta a perspectiva de escrevivência em seu livro “Becos da Memória” (2017), segundo os estudos de Soares, Lissandra Vieira & Machado, Paula Sandrine (2017), “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, 17(39), p. 203-219.



de fotografias de personalidades negras, a partir de outros indivíduos negros para a construção de uma perspectiva decolonial sobre nossos corpos, nossas subjetividades e nossas vivências.

A terceira parte do livro abrange os textos dos(as) participantes da oficina para a produção das fotografias da exposição “Sou Atlântica”. As escritas relatam a experiência dos(as) autores(as) com o processo da (foto)escre(vivência) e como a experiência os(as) permitiram identificar os “elos” entre suas histórias e as histórias de personalidades negras que ainda mobilizam nossos ideais e nossas práticas políticas.

Nesta seção, estão registrados os textos de Júlia Brito, Gabriel Silva, Thabata Amaral, Fabiana Soares, Mariana Cristina Teles da Silva, Priscila Floriano, Robson Justino Guedes da Silva, Anderson Rodrigues, Mariana Alves de Sousa, Maria Valéria Barbosa, Kaliane Oliveira, Daniela Almeida Lira, Maré Magalhães Moreira, Pollyanna Fabrini Silva e João Astaque.

A quarta parte do livro é dedicada aos textos que relatam a experiência de intervenções educativas no ensino de Sociologia, realizadas com base na exposição “Sou Atlântica”, em escolas públicas da cidade de Marília, no estado de São Paulo. A seção conta com as contribuições de Elizabeth Aparecida Pereira Tapias Martinez e Maria Eduarda de Moraes Torres que produziram o texto “O autoamor como parte da intervenção pedagógica fotográfica antirracista e feminista: ‘É nós pretos!’” e o texto de Carolina Baruel de Moura e Tiago Vieira Rodrigues, intitulado “No caminho da luz, todo mundo é preto e preta: caminhos do ensinar e aprender”. O objetivo desta seção é demonstrar como o conhecimento das próprias origens em detrimento de uma educação e história sem passado e raízes, desperta outras dimensões nos sujeitos que é essencial para formação de uma identidade positiva e do sentimento de pertenc-



cimento no espaço escolar, sendo a Sociologia uma disciplina capaz de colaborar com esse processo. (Silva 2002).

Em suma, o livro é resultado de uma proposta coletiva de membros do NUPE/Marília que prezam pelo resgate da memória e da história de personalidades que a história oficial e o conhecimento acadêmico hegemônico distanciaram de nós por algum tempo. Mais do que isso, a produção do livro e da exposição, em si, foram um modo de ressignificar subjetividades a partir das conexões que nossas trajetórias possuem com a história de referências históricas e políticas negras. Consideramos que esse processo permitiu vislumbrar outras formas de (re)existir e nos perceber no mundo para além das limitações impostas pelas lentes eurocêntricas. Esperamos que a exposição “Sou Atlântica” e o livro sejam replicados por educadores(as), pesquisadores(as) e intelectuais engajados(as)³ para que possamos sempre lembrar os ensinamentos de Sankofa⁴: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. (NASCIMENTO; GÁ, 2009 apud SUZUKI, 2018).

3 Com base nas proposições de Marilena Chauí, Nilma Lino Gomes (2009) em seu texto “Intelectuais negros e a produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira” define como “intelectuais engajados” aqueles que não se restringem apenas ao campo de produção de conhecimento acadêmico, mas também se inserem nas lutas coletivas e desafiam as universidades e os órgãos do Estado a implementar políticas equitativas. A exemplo, os(as) intelectuais negros(as).

4 Na tradição africana, Sankofa representa um pássaro formado por ideogramas dos povos ação (grupo étnico situado em Gana e Costa do Marfim). No desenho, o pássaro com a cabeça voltada para a cauda representa a importância de voltar ao passado para transformar o presente e construir um futuro próspero para os povos africanos e na diáspora, a partir do resgate da história e da memória ancestral. Cf: SUZUKI, Clarissa. Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro: de-colonialidade no ensino das artes visuais. In: 27° ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 27., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpap, 2018. p. 01-13. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro____SUZUKI_Clarissa.pdf. Acesso em: 04 nov. 2022.



ESCRITAS E ESCRIVÊNCIAS NEGRAS

Mariana Cristina Teles da Silva
Mariana Alves de Sousa

As escritas negras não são apenas registros bibliográficos produzidos por autores(as) negros(as) ao longo da história. No processo de construção de cada obra, poema, texto, composição, há uma escrevivência que nos permite (re) contar nossas histórias a partir de nossas próprias narrativas, permitindo que outras pessoas negras também possam se identificar. A ancestralidade e a intelectualidade negra nos informam que a valorização da história e da cultura que as escritas negras carregam representam um processo de resistência. Embora as marcas do poder colonial promovam o apagamento das escrevivências negras, temos um legado histórico e político de expressivas contribuições do povo negro em diáspora para a construção da cultura brasileira.

Conceição Evaristo (2020) pensa a escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal. O sentido do termo representa uma cadeia de sentidos que fundamenta a si mesmo e sua dinâmica. Quando o imaginário social se remete aos estereótipos reproduzidos pela figura da Mãe Preta, relaciona-se a ela a condição de mulher escravizada e privada do convívio familiar com seus(suas) filhos(as) em função da obrigatoriedade de cuidar dos(as) filhos(as) da casa grande. Era a mãe de leite, aquela que acompanhava os primeiros passos e ensinava as primeiras



palavras por meio das “histórias para adormecer a casa grande”. Mas, nos momentos em que esse corpo escravizado sentia a limitação de suas vontades silenciadas e controladas pela imposição da obediência, assumiam o potencial de transformar as histórias para adormecer a casa grande em processos de transmissão dos valores e crenças culturais africanas para os(as) filhos da casa grande. (GONZALEZ, 2018). A partir de então, as escritas e escrevivências negras deixam a função de adormecer a casa grande para “acordá-la de seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Conceição Evaristo encontrou na autodefinição da imagem da Mãe Preta o impulso necessário para afirmar a engenhosidade das mulheres negras que subvertem as imagens de controle que a lente colonizadora projetou sobre nós.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertencem também. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Quando jovens negras e negros identificam os elos de pertencimento entre suas histórias e as de personalidades negras que vêm empreendendo diversas formas de escrevivências e autodefinições, também podem vislumbrar possibilidades para assumirem o protagonismo de suas narrativas como contrapartida às limitações ocasionadas pelo racismo. Portanto, ao falarmos sobre as escritas e escrevivências negras, pretendemos enfatizar, sobretudo, sua potencialidade e não as mazelas que nos distanciaram dela.



Conforme mencionou Evaristo (2020), nossa escrevivência nos permite resgatar os elos perdidos na colonialidade quando afirmamos nossa condição de “pessoa brasileira de origem africana” para nos orgulhar de nossa ancestralidade afrodiaspórica. Quando vemos rostos negros a representar releituras de personalidades que inspiram a luta antirracista no Brasil e no mundo, vemos, na prática, a autoafirmação do que podemos ser para além das imagens de controle eurocêntricas.

Quando as escritas dos sujeitos que protagonizam tais releituras se mostram dotadas de sentidos diante do processo de resgate étnico-racial e de autoafirmação, experimentamos a escrevivência em sua pujança. Quando registramos esses escritos e divulgamos os resultados da exposição “Sou Atlântica”, podemos sentir a paz de refazer os elos de ligação de uma história fragmentada entre África, América e Europa. (NASCIMENTO, 1989 *apud* RATTS, 2007).

Quando transferimos sentido a nossa vivência por meio do registro de memórias através da oralidade, da escrita e da fotografia de imagens, preservamos nosso legado ancestral. Esse processo nos permite exercitar nossa potência criativa que é algo que nos faz desenvolver estratégias de resistência de diferentes formas, dentre elas, por meio da preservação memória que vislumbrava um presente próspero e um futuro possível para um povo cuja história foi sequestrada.

Nesse sentido, Vilma Neres Bispo⁵ (2016) propõe o conceito de (foto)escre(vivência) em sua dissertação de mestrado⁶, refletindo sobre escrevivência de Conceição Evaristo, trazendo fotografias negras e fotógrafos negros a luz como propulsoras(es),

5 Vilma Neres Bispo. Mestre em Relações Étnico-Raciais, com ênfase em Campo Artístico e Construção de Etnicidades, pelo CEFET/RJ (2016). Jornalista, Professora e Fotógrafa.

6 Trajetórias e olhares não convexos das (foto)escre(vivências): condições de atuação e de (auto)representação de fotografias negras e de fotógrafos negros contemporâneos.



por meio de suas produções fotográficas, do rompimento com a experiência de perda de imagem vivenciada por pessoas negras. Em diálogo com Bispo (2016), consideramos a importância da ruptura desse ciclo de perdas e apagamentos da própria imagem para a construção da contra-representação às imagens de controle de (auto)representação de nossos pares, em igual condição de sujeito negro. (Bispo, 2016, p. 41, grifo nosso).

Grifo no trecho: “[...] a importância da ruptura desse ciclo de perdas e apagamentos da própria imagem para a construção da contra-representação às imagens de controle de de (auto)representação de nossos pares [...]”

Entendemos que a (foto)escre(vivência) é uma ferramenta discursiva que constroem e apresentam repertórios visuais capazes de promover reflexões sobre a produção fotográfica, de modo a fazer com que o sujeito negro se perceba sujeito ativo não apenas na fotografia, mas na construção da trajetória histórica do povo negro. Assim, além de romper com os silêncios e promover transformações, a fotografia mobiliza o ativismo antirracista por meio de recursos visuais, destacando os diferentes modos de existir no mundo com o protagonismo de pessoas negras. (Bispo, 2016).

Ao entender o ato de fotografar como objeto imagético-narrativo, proposto pela autora, compreendemos a importância da fotografia para o sujeito negro como maneira de resistência e liberdade, porém, também, como forma de combate ao racismo, justamente por romper com a representação hegemônica colonizadora, que limita e enquadra o comportamento de corpos negros e promover olhares não-convexos de (foto)escre(vivência) que ocupam diversos espaços, momentos históricos e diferentes modos de ser, agir e pensar das cidadãs

negras, afro-brasileiras, e dos cidadãos negros, afro-brasileiros. (BISPO, 2016, p. 45, grifo nosso). Ressaltando, então, a subjetividade que o indivíduo contém em si — sendo, este si, formado pelo compartilhamento de experiências coletivas —, e composto por entrelaçamento de memórias e referências que antecederam a sua própria existência.

Assim, a fotografia pode assumir um caráter de transformação social, por meio da ideia de ativismo antirracista visual, que se trata de uma manifestação artística, política e ideológica a partir de um grupo e/ou coletivo que busca promover algum tipo de reflexão acerca das questões de interesse social justamente por possibilitar reflexões que compactuam para mudança de imagens preestabelecidas no imaginário da população sobre determinados corpos. (Bispo, 2016, p. 48).

No momento que jovens negras e negros realizam a releitura fotográfica de personalidades negras, estão articulando suas memórias acerca do “ser negro” e contribuindo para a preservação de documentação, em forma de imagens fotográficas, que contrapõem uma história fragmentada e gera elos entre os relatos. Posicionados(as) no lugar dicotômico de ser inspirado(a) e ser inspiração, as jovens negras e os jovens negros geram novas memórias que contribuíram para construção de uma identidade coletiva, de (re) existência para o presente e o futuro e, o rompimento com as imagens de controle coloniais associadas as práticas do sujeito negro.

O desenvolvimento do ensaio fotográfico desencadeou inúmeras reflexões no interior do NUPE, sempre em consonância com os debates já existentes no interior das Ciências Sociais. Uma das discussões mais ricas referem-se às imagens enquanto ferramentas discursivas e sua influência para a produção do outro e de nós.

Tais discussões demonstram que a partir das representações imagéticas, ocorre uma construção do discurso capaz de



condicionar mentalidades, construir sentidos, classificar hábitos e, sobretudo, atribuir papéis sociais. Desta forma, assim como considerado por Danielle de Noronha (2019, p. 256) “as imagens são uma importante ferramenta para manutenção de relações de poder e (re)produção de estereótipos, mitos, tradições e representações”. Ainda, de acordo com a autora,

[...] as dominações simbólicas, do conhecimento e da memória, através de discursos e imagens, foram e são essenciais para a construção e manutenção das estruturas de poder do sistema-mundo moderno/colonial. (DE NORONHA, 2019, p. 261).

Retomando uma discussão proposta por Luís Martins (2009), inúmeras vezes a fotografia foi tomada de uma forma positivista pelas disciplinas vinculadas à área. Isso significa que, com o advento da fotografia, foi criada uma aura ao seu entorno que a tratava como potencialidade de registrar o cotidiano e, inclusive, de conservar memórias. Desta forma, a fotografia era concebida como uma captura da realidade. Espaço e tempo recortados e congelados para todo sempre, as pessoas não envelheciam, ações eram paralisadas e paisagens intocadas. Simultaneamente, no interior das Ciências Sociais, a foto era tida como uma fonte verdadeira e pura de conhecimento já que era tratada como um instrumento frio e objetivo de pesquisa, e por isso inquestionável.

Hoje há um consenso que um dos grandes equívocos ao possuir este tipo de relação com as produções fotográficas é desconsiderá-las enquanto um recorte da realidade. Desta forma, a fotografia implica em uma escolha interessada de quem a produz. Ao considerá-la como uma escolha, podemos afirmar que, conseqüentemente, é resultado de uma construção arbitrária da realidade, já que: 1. é fruto de decisões que atendem

critérios estipulados pelo próprio produtor; 2. tais critérios se impõe sobre o ato de fotografar, interferindo no produto final e influenciando no olhar de quem a observa.

Tomando a reflexão acima como impulso, a relação que o NUPE/Marília estabeleceu com o ensaio fotográfico foi de considerá-lo como essencialmente relevante para a construção de subjetividades e compreensão de mundo. E com isso, simultaneamente, foi reconhecida sua relevância para a construção de contra narrativas. Ou ainda, como afirma Noronha:

[...] a realidade social é uma construção discursiva e os meios de comunicação e informação hegemônicos são instituições importantes no que se refere à construção da realidade, devido o papel que assumiram nas sociedades ocidentais atuais, com autoridade e responsabilidade socialmente consentidas para narrar o que acontece no mundo, muitas vezes sob uma ideia de reprodução do real. Tal ideia esconde o significado fabricado que as narrativas transmitidas denotam, tornando-as naturais. Consequentemente, entendo que a naturalização dificulta que as narrativas reproduzidas sejam percebidas como sistema de valores. (DE NORONHA, 2009, p. 257).

Portanto, consideramos que ao ser produzida por grandes meios de comunicação, as imagens, em alguns casos, são tomadas como instrumentos de manutenção de poder e de uma visão hegemônica da realidade. A partir desta constatação, a proposta do ensaio fotográfico promovido pelo NUPE consistiu em, justamente, tensionar essas relações de poder e reprodução de estereótipos ao promover representações de universitários(as) negros(as) por meio de uma perspectiva afro-diaspórica, decolonial e antirracista.

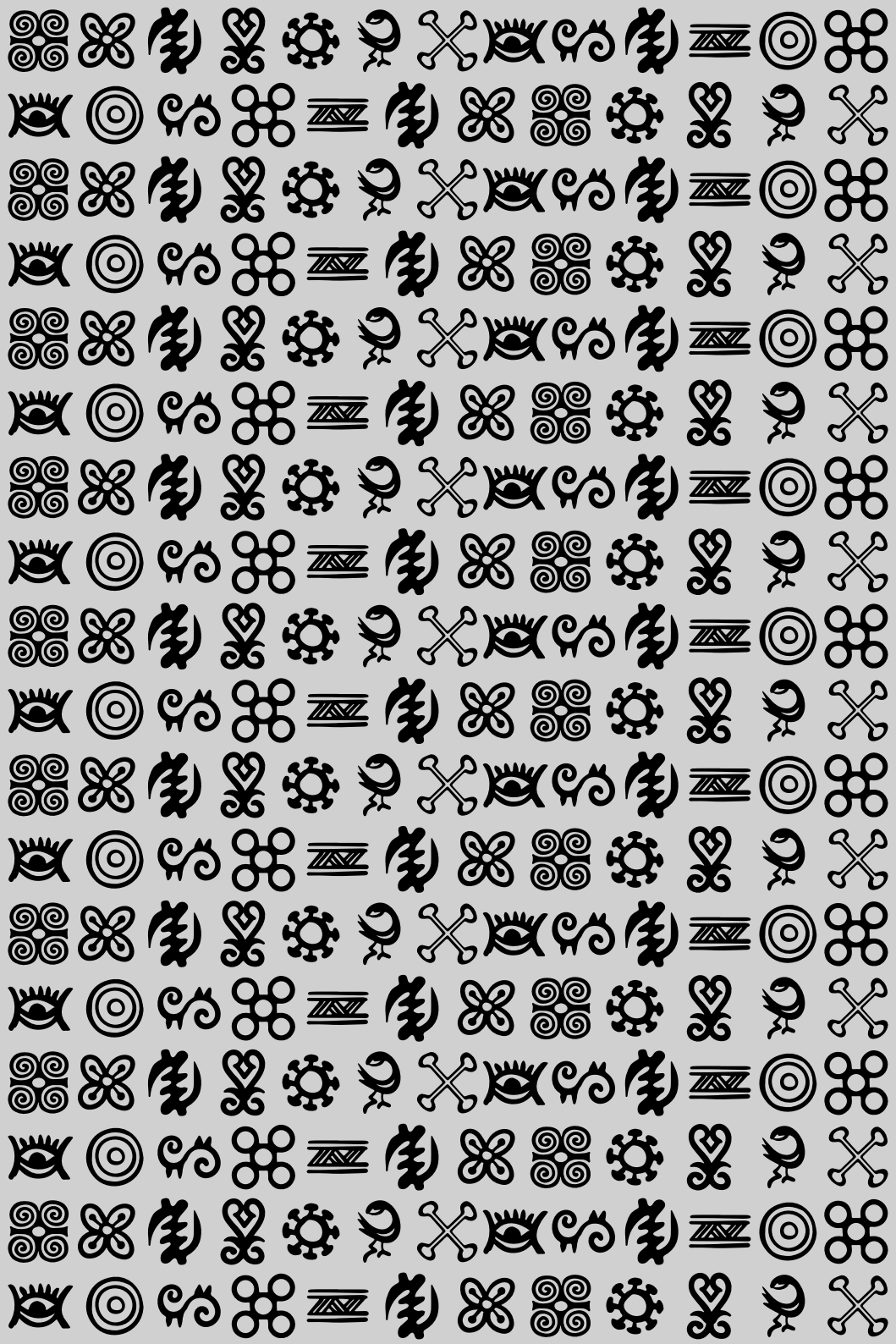


Nesse sentido, concebemos a (foto)escre(vivência) como uma proposta metodológica capaz de atribuir sentidos e significados à atividade, no que se refere à afirmação da identidade negra por parte dos(as) participantes por meio do fortalecimento dos elos entre a trajetória das personalidades negras retratadas e suas vivências.

Na sequência, destacamos a perspectiva da (foto)escre(vivência) na oficina “Sou Atlântica”.

SEÇÃO 2







“SOU ATLÂNTICA”: A RELEVÂNCIA DE PRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS SOB A PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA A CONSTRUÇÃO DE CONTRANARRATIVAS

Anderson Rodrigues

O ENSAIO FOTOGRÁFICO

Em relação ao desenvolvimento do ensaio fotográfico, ao olhar de forma mais atenta para o evento, foi possível observar diferentes processos envolvidos que permearam a produção: o(a) modelo posando para o(a) fotógrafo(a); o(a) fotógrafo(a) também se posicionando em busca de um bom ângulo e instruindo o(a) modelo; o tipo de figurino; técnicas de iluminação; instante certo para o clique; diálogos estabelecidos; auxiliares; etc. Esses inúmeros elementos carregam consigo diferentes percepções e significados à prática, interferindo nela de forma direta e, conseqüentemente, no resultado final, a fotografia.

Portanto, neste cenário há vários processos simultâneos de negociações. Tanto que, assim como concluído em uma conversa produtiva com um amigo, professor e fotógrafo, pode-se afirmar que a fotografia é o resultado de quatro elementos diferentes:



daquilo que o modelo acha que é, daquilo que ele quer parecer, que o fotógrafo quer que ele pareça, e por fim, como ele será reconhecido pelo observador. Na ocasião, contamos com a participação e curadoria fotográfica de Italo Yuri Leal Mendes, a quem dedicamos nossos sinceros agradecimentos por nos orientar sobre os processos técnicos e artísticos da fotografia e por dar o devido suporte aos(às) participantes da oficina no ato dos registros fotográficos, sempre de forma sensível e atenta aos objetivos da exposição: resgatar a memória ancestral e promover a afirmação do pertencimento étnico-racial com protagonismo às juventudes negras.

Pensando o ato fotográfico nestas circunstâncias, pode-se refletir que a foto é a culminância não só da interferência de diferentes dimensões, como também, resultado de diferentes negociações. Nesse sentido,

A produção de uma imagem está ligada a certas linguagens e é marcada por várias escolhas estéticas e ideológicas, conscientes ou inconscientes, desenvolvidas através de técnicas, como a manipulação e a direção da luz, o controle do som ou a forma como as pessoas são representadas, que ativam o referencial simbólico da sociedade da qual faz parte. (NORONHA, 2019, p. 25).

É justamente neste ponto que se posiciona a produção do NUPE. Rompendo com o imaginário inicial construído sobre a fotografia, que a tinha enquanto uma produção imparcial. Ao considerá-la enquanto um resultado de jogo de inclusão e exclusão, tal fenômeno foi tomado de forma positiva ao reconhecer sua potencialidade de construir uma outra realidade e prover ressignificações.

Ao promover o projeto sob uma perspectiva decolonial, por meio das fotografias, foi realizado um convite para que conceitos e ideias fossem decodificados sob uma outra lógica

de conhecimento, um conhecimento imaginativo, mas real ao entrelaçar diferentes histórias de vida.

Assim como pontuado por Vilém Flusser (1985), a imaginação é a potencialidade humana de abstração. Construir um conhecimento de forma abstrata, não significa um ópio, uma fuga da realidade, mas sim, reconhecer que o objeto observado, como o caso da fotografia, é apenas um fragmento da realidade e que por meio dele é buscado compreender fenômenos gerais da realidade social.

Ademais, a própria construção deste conhecimento se dá sob outro exercício, rompe-se com uma noção de objetividade e de uma linearidade engessada, sobretudo que envolve o texto escrito, começo-meio-fim. Admite-se que a compreensão é realizada de forma cíclica e dialética.

Ao vagar pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vagar do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade imaginística por ciclos. (FLUSSER, 1985, p. 07).

Desta forma, as imagens da exposição possuem um aspecto conotativo, não possuem um sentido e interpretação fechada, única aos fenômenos que são abordados pelas mesmas, mas sim, almejam estimular o observador a pensar em significados e processos para além do que a história é capaz de descrever.

Assume-se, então, que as fotografias possuem um papel de mediadoras com a potencialidade de promover uma descolonização do olhar e uma contranarrativa da história hegemônica,



uma vez que foram adotadas como discurso. Inseridas em um processo de “**empalavrar** a realidade” (NORONHA, 2019, p. 258; grifos da autora), o fenômeno que pode ser observado nas fotos foi a procura do fotógrafo e modelos por estratégias que possibilitem expressarem um “eu íntimo”, concebido pelo próprio indivíduo; simultaneamente negociado com as expectativas exteriores sobrepostas a ele através de diferentes processos de socialização; e, como esta mesma pessoa deseja parecer ser, como ele ressignifica, nega ou inclusive potencializa essas expectativas sobrepostas através de uma personalidade negra na qual está representando.

Desta forma, durante o ensaio, o processo de construção da fotografia final constitui-se de várias estratégias que questionam as possibilidades de expressão de um ser interior para o exterior, e as potencialidades e desafios que esta representação de si envolve. Por isso, ela também é comunicação entre o âmbito íntimo e público.

Aquilo que é mostrado pode não ser tido como verdade absoluta, ou como a melhor forma de representação do real, já que envolve algumas “manipulações”, mas é verdadeiro, na medida em que é legitimada por um contexto e nos transmite significados, e para além disso, por meio dela, é possível observar as dinâmicas do real, as influências da sociedade e a atuação do sujeito sobre elas.

Construída de forma dialógica, ou seja, por meio de mútuas influências, o indivíduo não conseguiria expressar-se de forma autônoma e plenamente livre, já que seria influenciado e condicionado por elementos externos a si. Com isso, as fotografias refletem também uma estratégia de se posicionar no mundo, de como ele quer ser reconhecido após ser ponderada (ou não) sua posição na realidade e as expectativas sobre ele criadas.

Promovendo uma intersecção entre passado e presente e estimulando o vislumbre de um futuro, a exposição “Sou Atlântica” evidencia o momento marcante que estamos atravessando em nosso tempo.

Se em um primeiro momento o “Ser Negro” era entendido de forma arquetípica por meio de representações que alimentavam um imaginário primitivo ou exótico sobre a população negra, reforçando seu processo de minoritização e, inclusive, de negação de sua humanidade, hoje, pessoas negras estão passando a ocupar lugares que em outros momentos eram expelidas, aproveitando a possibilidade de narrarem sua própria história, produzir sua própria documentação e questionarem teorias produzidas no passado, trazendo suas próprias perspectivas sobre a produção da história.

Podemos dizer que quando este processo ocorre pela fotografia, há uma “*partilha do sensível*” (RANCIÈRE, 2009) onde outros referenciais teóricos e produtores de conhecimento ascendem, trazendo novas alternativas para compreensão da realidade. Simultaneamente promovem a construção de uma contra referência e uma descolonização do olhar. Estereótipos e caricaturas que estavam cristalizadas pela produção fotográfica, são colocados em xeque por produções que contam suas próprias histórias, promovem ressignificados e humanizam corpos negros por elementos tidos como triviais para alguns, mas historicamente negados para outros.

É interessante notar que a potência da exposição fotográfica está justamente nos detalhes: o olhar, a postura, o sorriso, o sonho, desejo, medo, emoção e, sobretudo, na memória. Elementos tão simples, mas frequentemente não reconhecidos em corpos negros.

Na próxima seção, apresentamos os textos elaborados pelos(as) participantes da oficina “Sou Atlântica”, escritos a partir da experiência da releitura de fotografias de personalidades negras que se consagraram ao longo da história. Alguns textos fazem menção a duas personalidades negras, mas apresentam apenas uma foto. Isso ocorre, pois na ocasião da oficina, al-



guns/algumas participantes reproduziram a releitura de duas ou mais pessoas, mas no ato de produção do livro foi necessário selecionar apenas uma foto. Os textos estão organizados pela ordem cronológica da biografia de cada personalidade, a fim de destacar que as ações de resistência do povo negro não é um fenômeno recente. Ao contrário do que a história oficial em sua perspectiva eurocêntrica hegemônica estabelece, os grupos étnico-raciais subalternizados pelo projeto colonial não foram inertes às formas de exploração impostas. Diante das circunstâncias de dominação colonial, os povos em diáspora empreenderam resistências em prol da justiça e do bem-viver pela coletividade, tensionando e ressignificando os contextos de exploração enquanto forma de re(existência).

Em diálogo com a perspectiva de Jurema Werneck (2010), é importante destacar que a categoria de mulheres negras e homens negros não existe. As pessoas negras, enquanto sujeitos identitários e políticos, são resultados das múltiplas experiências que as contingências históricas, políticas, sociais e culturais promoveram, mobilizando formas de enfrentamento das adversidades ocasionadas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo do período de expropriação colonial e, posteriormente, com o advento da modernidade que surge sob a égide do colonialismo. Em outras palavras, existimos porque resistimos e mobilizamos outras formas de viver, inspirada pelas experiências dos(as) nossos ancestrais. “Nossos passos vêm de longe” e é sempre relevante resgatar e louvar as trajetórias daqueles e daquelas que nos precederam.

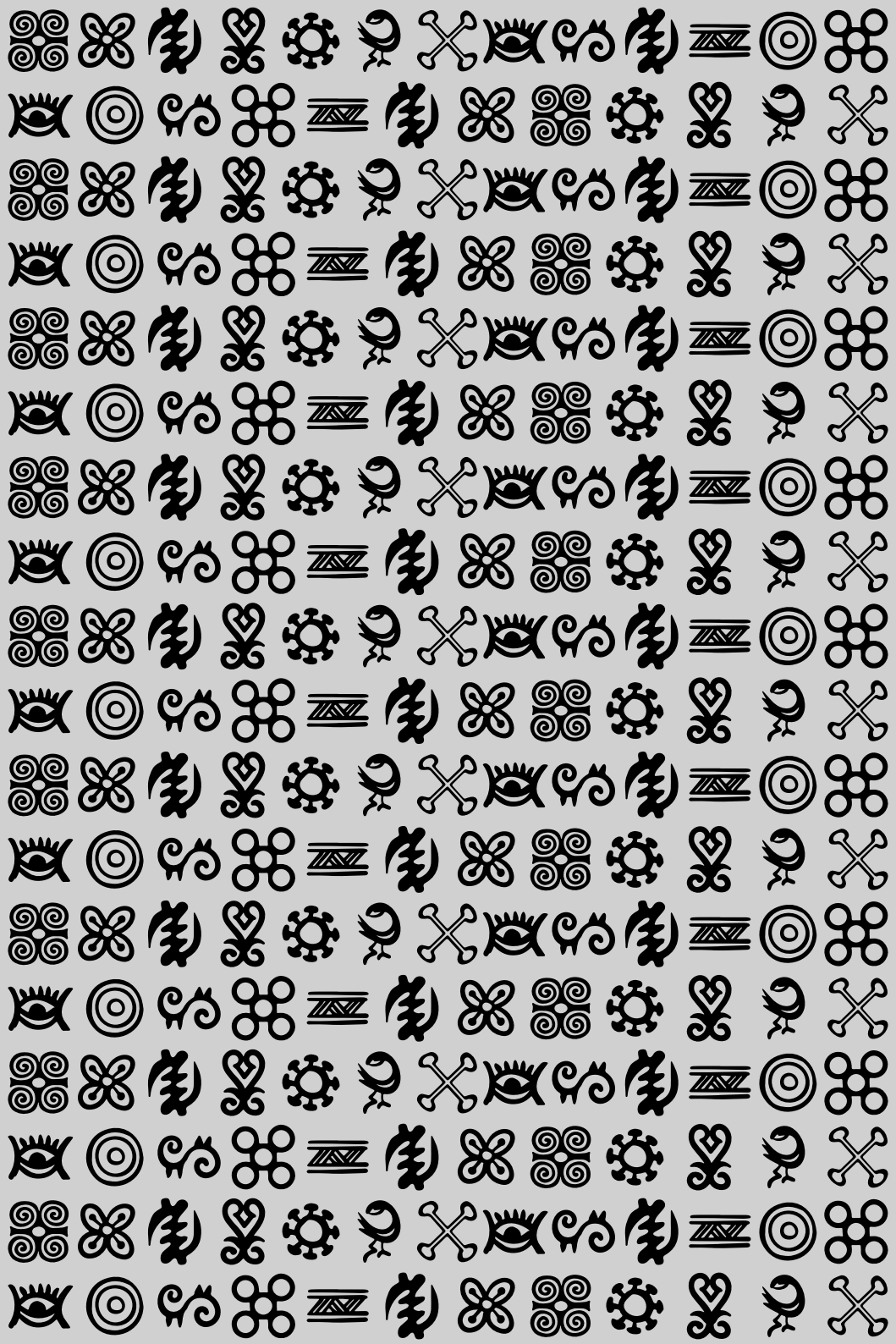


SEÇÃO 3



VIVÊNCIA EM DOIS ATOS:
FOTOGRAFIAS E ESCRITAS







**O LEGADO DE NZINGA
MBANDI: ONTEM E HOJE**

Júlia Opará

Nzinga Mbandi (1582)

Falar de Nzinga Mbandi torna-se uma tarefa difícil, tanto quanto representá-la através da imagem. Descobri seu legado tardiamente. Infelizmente a história sempre reneceu o povo preto. Lembro com carinho o momento em que na minha juventude buscava referências e mártires para me apoiar, foi quando conheci a história de Nzinga (1582-1663).

Rainha do Ndongo, ela passou por períodos conturbados antes de adquirir respeito entre os seus. Filha de um rei e uma escrava, foi apenas com a morte do irmão que ela conseguiu ascender como rainha e se tornar um ícone da diplomacia. Nzinga fez alianças táticas com outros povos, até então considerados inimigos. Realizando com maestria sua função, ela conseguiu respeito até dos portugueses, os mesmos só anexaram Angola após a sua morte.

Essa trajetória abrilhantou meus olhos desde o primeiro momento, ter uma mulher africana como uma das maiores líderes é demasiadamente revigorante para uma afrodescendente como eu. Buscar a sua história faz parte de um fluxo de resgate, acredito que toda pessoa negra, como eu, em algum momento já se sentiu deslocada no Brasil, já que infelizmente torna-se cada vez mais difícil ter contato com suas raízes ao passar das gerações. Nzinga me inspira a olhar para mim mesma com dignidade, a olhar para minha família materna, composta somente por mulheres negras, como um ato de resistência.

A mulher negra no Brasil sempre é subjugada e estigmatizada, a sociedade escravista e patriarcal nos associa ora a mulata, exportação do carnaval, ora na ama de leite que cuida dos afazeres domésticos, me reconectar com uma história tão distante é me realocar na sociedade, sair do lugar imposto no chão da pirâmide social para conquistar meu espaço como um

ser crítico, é travar batalhas assim como Nzinga e usar da estratégia ancestral.

A rainha do Ndongo era conhecida pela sua estratégia, para mim essa palavra é parte integrante da resistência, desde saber travar as batalhas certas até utilizar de sincretismo religioso para que nossa memória continue viva. Nesse ponto, agradeço aos meus ancestrais por manterem viva a herança dos Orixás, me emociono ao pensar em sua história como chefe de guerra, por enxergar a potência que isso significa digo que a estratégia é ancestral, por ser grata nessa pequena vivência ter meu Orí dedicado a Osun Opará, qualidade da Orixá Oxum guerreira e estrategista, vejo em Nzinga essa força, da mulher negra que derruba um exército inteiro sem levantar uma arma e sem derramar sangue pelos seus.

Querem me calar

Querem me parar

Mas, eu sou filha de Oxum

Oxum Opará

Qualidade guerreira da mãe do rio personificação do amor e do cuidado, mas também irá em Yorubá

É saber cuidar dos nossos, mas também revidar aqueles que ousam nos atacar

É a fúria do rio, encontrando a imensidão do mar

A doçura de Oxum se transforma em espírito de guerra, digno de Oyá

E eu que pensava ser barro

Fui moldada pelo amor de Oxum



Enfeitada de pulseiras douradas

Oxum me conheceu

E desde então, seu axé permanece reluzindo no meu ser

Eu me encantei por ela e ela poderosa mãe


se encantou por mim

Por isso na minha vida não tem curva de rio que
me segure

Porque eu sou correnteza

Sigo livremente meu destino





O PRETO É A COR DA
LIBERDADE: A VALIOSA
HERANÇA DE ZUMBI
DOS PALMARES PARA OS
NEGROS BRASILEIROS

Gabriel Silva Santos

Zumbi dos Palmares (1655)

Zumbi dos Palmares (1655 - 1695), como ficou conhecido, foi o lendário líder do Quilombo de Palmares e um dos principais personagens na luta contra a escravidão no Brasil. Se transformou em uma figura histórica, símbolo de luta e liberdade que está marcado para sempre pelo legado que forjou.

No final do século XVI os negros escravizados que, como forma de resistência, escapavam dos engenhos de Pernambuco, começaram a fugir para a Serra da Barriga, zona afastada do litoral, uma região localizada no atual estado de Alagoas, por conta da grande quantidade de Palmeiras que cercava o território, recebeu dos novos habitantes o nome de Palmares. Desta forma, uma pequena aldeia se tornou uma grande comunidade que reproduzia e expressava diversas práticas culturais do continente Africano.

No entanto, essa enorme comunidade era formada por negros que escapavam da condição de escravos que eram obrigados a viver, fato que incomodava os senhores de engenho. Desta forma, iniciaram expedições com ataques constantes ao Quilombo dos Palmares. Ganga Zumba, era o líder do quilombo de Palmares, foi quem deu forma política para aquele espaço. Realizou negociações com o reino português e alguns termos acordados não foram cumpridos. Essa condição com o reino de Portugal desgastou a liderança de Ganga Zumba e consequentemente a relação com os quilombolas de Palmares.

Em contrapartida, Zumbi surgiu como um grande guerreiro. Seu nome e coragem já eram espalhadas como lendas. Vários governadores de Pernambuco tentaram acabar com Palmares, entre eles estava Pedro de Almeida que desejava a destruição e submissão dos negros a coroa portuguesa, foi responsável por uma oferta de paz que proporcionava em troca da lealdade dos negros, o reconhecimento da autonomia de seus

habitantes. Ganga Zumba aceitou essa proposta, porém Zumbi foi contra. Para Zumbi, viver livre era importante, tanto que libertar outros negros que estavam em condição de escravidão era extremamente necessário.

Por esses posicionamentos, muitos quilombolas ficaram contra Ganga Zumba que foi morto envenenado. Pelo prestígio e admiração que carregava, quem assumiu o posto de líder foi Zumbi, que defendeu e levou o quilombo a diversas batalhas. Outros governadores e comandantes tentaram capturar, sem sucesso, Zumbi, que traçou estratégias e resistiu por anos.

O bandeirante Domingos Jorge Velho foi quem comandou a batalha que cercou Zumbi por anos, e não se sabe muito sobre as causas da sua morte, a versão mais aceita é a de que ele acabou sendo assassinado em batalha. Os negros escravizados não acreditaram na sua derrota e passaram dias cantando pela sua ressurreição. O grande guerreiro Zumbi dos Palmares se tornou um símbolo valoroso, tanto que 20 de novembro é considerado o Dia da Consciência Negra, onde é comemorado a incansável luta de Zumbi pela liberdade dos negros no Brasil.

O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente Africano e apesar da abolição da escravidão ter acontecido há 134 anos, a população negra enfrenta diariamente diversos desafios dentro da nossa sociedade, o racismo e suas variações oprimem sistematicamente. Desta forma, é necessário trabalhar em várias frentes, manter viva a luta de Zumbi pela liberdade e, conseqüentemente, superar o racismo e todos os seus mecanismos.


Zumbi é um símbolo extremamente importante pela busca por liberdade e pelo orgulho que a população negra brasileira tem das suas ações, por esse motivo a narrativa histórica sobre ele tem se tornado local de disputa, criações de fatos inconclusivos sobre sua liderança e suas práticas no Quilombo



de Palmares, com a finalidade de distorcer sua imagem emblemática perante a sociedade brasileira. Recentemente, durante o mandato do presidente Jair Messias Bolsonaro (2018 – 2022), a Fundação Palmares se tornou alvo do esvaziamento conceitual e das tentativas de barrar os avanços que a população negra conquistou durante anos de resistência. Esses ataques indicam a importância de lutar pela memória e simbologia de Zumbi.

Para mim, Gabriel Silva Santos, um jovem negro do extremo sul de São Paulo, filho de dona Elza, que sonhava com a universidade pública e conseguiu romper as barreiras racistas que estavam postas, em todos os momentos de conquistas me lembro de Zumbi, que se não fosse por sua luta e a de muitas outras pessoas negras, não seria possível, por exemplo, eu completar um curso superior. Em 2022, mesmo com as dificuldades é possível, para mim, pensar em uma formação acadêmica completa e em diversas oportunidades profissionais.

Fiquei extremamente honrado em representar essa figura histórica e tão relevante que é Zumbi dos Palmares. A herança combativa que Zumbi nos deixou, veio carregada de coragem e de esperança. As injustiças e os desafios não acabarão tão cedo, por isso é importante ter essa herança para se apoiar, para que seja possível lembrar e dar continuidade a esse movimento para que a partir de Zumbi, possamos continuar a criar novos símbolos de resistência.



**INSPIRAÇÃO QUE ATRAVESSA
O TEMPO: UMA REFLEXÃO
SOBRE TERESA DE BENGUELA
E SUA INFLUÊNCIA PARA
O EMPODERAMENTO**

Thabata Amaral

Tereza de Benguela (1700)

Durante parte considerável da minha vida me alimentei de sentimentos negativos em relação ao espelho, não me olhava com muita frequência justamente por não me sentir bem com o reflexo, nada me agradava: a pele escura, o cabelo que não era loiro, a boca que era muito marcada, e principalmente o nariz largo demais.

Ouvi diversos conselhos sobre como mudar, como a raiz abaixar, receitas caseiras para ser mais bonita como: dormir noites e noites com pregador no nariz, parar de beber café, diminuir a quantidade de sol, pois me diziam que assim eu perderia parte da tonalidade escura da minha pele, mas nada mudou, continuei preta, odiando meu reflexo, foram anos a fio sendo dessa maneira, até que na adolescência observei com atenção o que o Rappin' Hood quis dizer quando cantou com tanto orgulho “Sou Negro”.

Depois disso o mundo ficou diferente pra mim e para quem me cercava, comecei a olhar o espelho e percebi que minha relação com meu reflexo havia mudado; ouvi relatos parecidos, de pessoas parecidas comigo, e pela primeira vez não me senti sozinha, poderia falar sem vergonha nenhuma dos caminhos que o auto-ódio me obrigaram a trilhar, me senti abraçada por pessoas que eram relativamente estranhas, mas me compreendiam muito mais do que a parte da minha família que achava graça dos meus esforços em vão ou que em forma de apoio alisavam meu cabelo.

No meu processo de entendimento e reconhecimento racial quis mergulhar de cabeça na história de grandes potências negras. Me frustrrei diversas vezes procurando em lugares “errados”, demorei pra aprender que nós não estamos nos livros de história apresentados na escola, me envolvi em diversas rodas feministas, palestras, aulas e oficinas a fim de sanar uma necessidade constante de saber de onde eu vim, e em uma dessas andanças pela primeira vez eu a vi.

O rosto que marca o 25 de julho, Dia da Mulher Negra, vi Tereza de Benguela, a líder e estrategista do Quilombo do Quariterê. Muitas informações sobre ela foram perdidas no decorrer do tempo, como seu local de nascimento. O que podemos dizer com certeza, é que foi casada com o importante quilombola José Piolho, assassinado por representantes do Estado. Após sua morte, Tereza assumiu o posto de seu marido e chefiou o Quariterê com maestria. Sob sua liderança, negros e indígenas resistiram nessa comunidade por quase vinte anos. O difícil acesso as terras geridas pela então conhecida “Rainha Tereza” eram muito bem aproveitado em engenhosas formas de defesa, envolvendo inclusive poder bélico fruto de trocas com os homens brancos, saques cometidos em vilas próximas e a conversão de correntes ou qualquer outro artefato usado para conter e agredir os indivíduos escravizados em armas para a defesa do quilombo ou para instrumentos voltados a agricultura.

Toda administração quilombola era cuidadosamente planejada por Tereza, desde a economia baseada na agricultura e na parceria comercial com outros quilombos, as estratégias militares voltadas principalmente em manter uma zona segura e ainda assegurar uma estrutura política que se assemelhava a um parlamento.

Em 1770 Tereza foi capturada por bandeirantes dando fim a sua história encarnada, não se sabe ao certo como a rainha morreu, uma das versões relata que ela cometeu suicídio a fim de evitar a servidão logo após ser sequestrada pela capitania de Mato Grosso, na segunda versão ela foi assassinada e seu corpo foi exposto para todo o quilombo que, a essa altura não mais existia como um lugar seguro.

Escolas e outras instituições que deveriam contar a história do Brasil, deixam Tereza e outras personalidades que foram extremamente importantes nas lutas e nos processos históricos que constituem esse país, “passar em branco”, sendo assim,



me lembro de apenas duas vezes que tive algum tipo de contato com a história de Tereza, a primeira foi ainda na adolescência, mesmo com minhas ideias prematuras a admiração foi imediata, porém, me vi tão distante dessa “mulher negra forte”, mas a segunda vez que eu a vi foi completamente diferente.

Durante a atividade proposta pelo NUPE, lembro de pegar a imagem clássica de Tereza em minhas mãos, com a destacada roupa vermelha e o fundo amarelado, analisei com cuidado a expressão do rosto, a mão posta no colo, os detalhes do nariz, boca, a tensão nas bochechas, e principalmente os olhos, eu fiquei hipnotizada pelos olhos.

O estereótipo de mulher negra forte nunca me serviu, sempre chorei por pouco, e sinto que me abato com facilidade, talvez seja um dos fatos que me fizeram demorar tanto tempo para me reconhecer no espelho. Eu não sou a mulher negra forte, não sou a mulher negra que veículos midiáticos me apresentaram, sou o oposto disso, mas quando estive ali reproduzindo uma das imagens mais poderosas da história do Brasil, me dei um minuto de reflexão, o oposto desse estereótipo que desumaniza as mulheres negras colocando pesos absurdos sob seus ombros, não é ser fraca, é compreender que desabar, não aguentar, se dar o direito de ser frágil não é uma fraqueza.

Quando me vi naquela foto fiquei genuinamente surpresa. Estava semelhante a ela, observei os traços que compartilhamos, analisei com cuidado a expressão do meu rosto, a mão posta no colo, os detalhes do nariz, boca, a tensão nas minhas bochechas, e principalmente os olhos, eu fiquei hipnotizada pelos próprios olhos. A sensação foi extasiante, olhando para o meu retrato eu a vi, me senti próxima de algo muito maior que atravessa o tempo, o espaço, a lógica. Enxerguei Tereza de Benguela em mim.





**SOBRE ENCONTROS
E CONFRONTOS NO
ATLÂNTICO NEGRO**

Fabiana da Silva Soares

Maria Remédios Del Valle (1766)

Entre os encontros e confrontos no atlântico negro, me deparei com María Remédios Del Valle, mulher negra, latino-americana, nascida no ano de 1766, em Buenos Aires, Argentina. Del Valle foi combatente do exército argentino durante a expedição pela independência do país, em 1810. María, a filha de Ayohúma, a Mãe da Pátria, a Militar. Mulher negra que teve a vida marcada pela guerra: a guerra de viver um conflito armado, a guerra de perder os filhos e o esposo para o exército inimigo, a guerra de viver a solidão, a guerra da fome e a guerra da invisibilidade histórica. Del Valle saiu da pobreza para servir como cozinheira e enfermeira no exército, salvou diversos soldados nos campos de batalha, carregou armas e organizou fugas que lhe renderam cicatrizes pelo corpo e marcas na alma. De cuidadora do exército do General Belgrano, María Del Valle alcançou o posto de capitã e mesmo após anos de luta armada pela independência Argentina, saiu da guerra cercada pela mesma escassez que entrou.

María Del Valle, a mãe da pátria ingrata, a filha órfã de Ayohúma, não tinha mais nada, nem teto, nem comida, nem farda, nem infantaria. María, que lutou pela independência do seu país, foi vista com trajes esfarrapados, pedindo esmolas e comendo a comida que sobrava dos conventos pelas ruas de Buenos Aires.

María, aquela que queria viver e amar como outra qualquer, só pôde garantir a sua dignidade de mulher durante a guerra, um conflito o qual foi exposta, sem liberdade de escolha. Foi por um acaso que a vida de María, a *persona non grata*, mudou, após reencontrar o seu antigo companheiro de exército Juan José Viamonte pelas ruas de Buenos Aires. María saiu das ruas, recebeu uma pensão pelos serviços prestados à nação, sendo incluída na lista dos inválidos como Sargento-Mor da Cavalaria, deixando para trás uma jornada de lutas contra a fome e a mendicância.

Mas onde está a escrita da história de María Remedios Del Valle nos livros sobre a independência da Argentina? A mulher negra, mãe da pátria, aquela que dedicou a vida em busca de um futuro de liberdade para a nação?

Encontrar a história de María Del Valle e de tantas outras mulheres negras é tão desafiador quanto tentar encontrar a personagem protagonista em um livro repleto de páginas em branco, páginas estas que indicam a ausência de narrativa sobre a vida e a resistência das mulheres negras em diáspora. Buscar remontar a trajetória de María Remedios Del Valle através de páginas em branco impõe reescrever a própria História.

Esse desafio transgressor, que expõe uma disputa de narrativas em torno de representações negras e femininas, consiste em uma estratégia política de escrevivências que nos impõe descolar discursos hegemônicos, construir uma memória coletiva e enegrecer as páginas em branco.

A exposição “Sou a Atlântica” colaborou para estimular experiências engajadas em costurar os retalhos de uma História fragmentada, assim como fez a grandiosa Beatriz Nascimento, ao propor a construção de “elos de ligação” com atlântico negro (NASCIMENTO, 1989). Para construir os nossos próprios “elos de ligação”, fizemos da arte um meio para recriar as nossas memórias e orientar o olhar sobre nós mesmos. Assim, enquanto um grupo de estudantes universitários cotistas, ansiamos criar uma imagem positiva sobre a negritude que pudesse romper com o padrão estético estruturado pela e para a branquitude. A fim de preencher as páginas em branco, usamos a nossa corporeidade e a nossa estética, buscando representar as histórias de María, Marielle, Martin Luther King, Abdias, Elza, Zumbi e de tantos outros personagens esquecidos pela História oficial. Usamos o poder da arte e a sua capacidade de anunciar o novo para expressar os nossos desejos de construir uma imagem po-



sitiva sobre o passado ancestral e a pluralidade das experiências negras. Dessa forma, poderíamos visualizar a construção de uma memória coletiva, em que os símbolos do passado de subalternidade, pudessem ser subsumidos pela consciência de que o nosso presente é constituído através de um longo processo de lutas e de desobediência negra por um futuro onde pudesse haver liberdade.


O desafio de romper com uma gramática da ausência, comumente construída em torno das experiências negras, revela um caminho árduo, doloroso e constante na construção da identidade. Construir uma imagem positiva para si exige buscar representações que estimulem um olhar afetivo sobre si. Modificar o olhar depreciativo sobre a própria imagem, a partir da imagem de María Del Valle e de tantas outras figuras negras significativas, nos convida a caminhar por uma estrada composta por novos horizontes, onde conseguimos romper com a fronteira entre a zona do não ser e as múltiplas formas de ser e de estar no mundo. Refletir a imagem daqueles que ousaram mudar o mundo é enegrecer páginas em branco escritas por mãos brancas, é revelar a capacidade do povo negro de (re)existir a um mundo que insiste em negar as nossas experiências, contribuições, corporeidades e subjetividades.



**A IMPORTÂNCIA DA
NARRATIVA DE MULHERES
NEGRAS SOBRE SI: O LEGADO
DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Mariana Cristina Teles da Silva

Carolina Maria de Jesus (1914)

 Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma das primeiras escritoras negras no Brasil, também compositora, professora e poetisa, entre outras vocações, tem suas obras como objeto de estudo até hoje. Nascida em Sacramento, no sudoeste de Minas Gerais, em 1914, cresceu em uma família grande, composta por sete irmãos, neta de negros escravizados e filha de lavadeira analfabeta, ainda jovem recebeu o incentivo de uma freguesa de sua mãe para ingressar na escola. A autora teve apenas dois anos de estudo, realizados na primeira escola espírita do Brasil — o Colégio Allan Kardec — onde desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita.

Passadas duas décadas, sua família mudou-se para o estado de São Paulo, onde Carolina trabalhou como lavradora e empregada doméstica, mas após a perda de sua mãe, mudou-se para a capital. Em 1948 foi morar na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, onde ficou por grande parte de sua vida sustentando a si e aos seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, o diário de Carolina é publicado sob o nome Quarto de despejo, com auxílio do jornalista Audálio Dantas, sendo traduzido em quatorze línguas, é um imenso sucesso tanto no Brasil como em outros países.

Falar sobre a minha trajetória e, ainda elencá-la com a de Carolina Maria de Jesus, a qual fiz a releitura na oficina de fotografia do NUPE/Marília, é desafiador e ao mesmo tempo assustador. Nós, mulheres negras, temos a nossa existência a todo momento desacreditada e silenciada por uma sociedade estruturada nos tratamentos desiguais de racismo, machismo, desigualdade econômica. Justamente por termos nossa existência apagada e nossas vozes silenciadas, encontro dificuldade em falar sobre uma trajetória minha. Porém, acredito que esse seja um dos momentos essenciais para romper com essa lógica do silenciamento e, por isso, a vivência de Carolina e de tantas ou-



tras são inspiradoras, por serem potências que impulsionam o caminho de outras mulheres negras.

Carolina entrou em minha vida com a sua obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” onde relata sua trajetória de vida enquanto mulher preta, mãe solo, catadora de papéis e moradora da favela do Canindé, despertando em mim diversas sensações e ao mesmo tempo reconhecimentos.

Durante a leitura da obra tive a oportunidade de refletir sobre a minha existência, me deparando com alguns questionamentos como: será que tenho um lugar no mundo? Qual será ele? Será que eu escolhi esse lugar que ocupo ou ele foi imposto a mim? Como posso, a partir da minha existência e vivências transgredir a realidade? Talvez ainda não tenha respostas concretas sobre essas questões e não sei se um dia terei, porém, acredito que não seja importante ter uma resposta final. Afinal, estou passível a constantes mudanças, por isso, o que me interessa das questões levantadas são justamente o poder do questionamento, isso me torna viva e me faz continuar viva, estar em constante questionamento sobre a realidade, assim como Carolina questiona no livro os problemas sociais e erros que são cometidos sistematicamente no Brasil.

A minha vida é perpassada pela necessidade de reafirmação, de busca e de luta, meu corpo é político, assim como outros corpos negros e, principalmente, de mulheres negras, pois, somos as mantenedoras da estrutura social. Por estarmos na base da pirâmide, nos é exigido ter força e coragem a todo tempo, não temos espaço para demonstrar sentimento e, logo, nos é arrancado a possibilidade de receber afeto.

Ao passo que nos tornamos negras, são atribuídos rótulos e características aos nossos corpos e, por serem opostos ao padrão estabelecido, estão carregados de negatividade. Ao ser pré-determinado a maneira como devemos agir, nos comportar e os lugares



que podemos ocupar, enquanto mulheres negras, nossa individualidade é apagada, e nosso corpo é restrito, sendo retirada a possibilidade de decidir por si o seu próprio caminho. Por essa razão, nós, mulheres negras, somos um corpo político e estamos sempre em luta, defendendo ativamente algo, seja nosso corpo, nossa história, nossa comunidade, nossos ancestrais e descendentes.

Sendo assim, estou diariamente nessa posição de luta, visando construir uma sociedade que identifique e combata as desigualdades históricas, seja por meio da atuação no coletivo negro Diáspora Preta, ao qual faço parte, ou pelas rodas de debate e intervenções culturais que construo na universidade e comunidade. Enquanto mulher negra, gorda, bissexual e estudante no Brasil, lutar por uma sociedade sem violência não é uma escolha, e sim, uma necessidade, pois só assim terei a minha voz ouvida e ecoada.

Assim como Carolina, que era professora e alfabetizou crianças, acredito que a educação é a fonte da transformação, que é por meio do compartilhamento de conhecimento que poderemos mudar a sociedade. Porém, para a educação ser transformadora, é necessário libertá-la de princípios opressivos e construir reflexões e discussões que sirvam de combatente às desigualdades sociais. Portanto, é necessário realizar ações concretas que contribuam para uma educação libertadora, que possibilite entender como se deram os processos históricos de dominação e, não apenas a história dos vencedores, que reforça a dominação.

Precisamos que a prática educativa discuta temas importantes e que não perpetue processos de manutenção do poder, que construa a liberdade de troca entre quem ensina e quem aprende entendendo que esse papel não é fixo, e sim, está sujeito a trocas contínuas. Como estudante que atua na área da educação, acredito que neste ponto está o caminho para construir uma educação que gere reflexões e diálogos.

Entre Carolina e eu, descobri que há, para além da identificação como mulheres negras, um cruzamento de histórias em alguns ou vários pontos. Netas de senhores negros com nome de Benedito da Silva, e ascendência mineira na família, a primeira da região sudoeste e a última do sul de minas, carregamos coincidências nas trajetórias, sendo estas fundamentais por fazerem parte do que somos. Ao meu ver, saber de onde viemos resgata uma sensação de pertencimento que será carregada por essa e outras existências, e influência no legado que transmitiremos aos nossos descendentes. Para corpos negros, que tiveram suas histórias atravessadas pela desumanização, construir a narrativa de sua origem pode servir como fonte de força, além de ser uma forma de romper com o apagamento de nossas histórias.

A trajetória de Carolina Maria de Jesus e de outras tantas mulheres negras serve como inspiração para mim. O caminho que a escritora construiu durante a vida, apresentada em suas obras, é uma maneira de permanecer viva, propagando suas percepções do mundo e deixando um legado, sendo ele, a tradição de mulheres que narram sobre si.

Este movimento é essencial para auxiliar o desenvolvimento de mulheres negras que a partir da escrita de Carolina, veem a possibilidade de relatar as suas próprias vivências, possibilitando ainda, transgredir o espaço que foi imposto e gerar uma visão de estima e amor-próprio, assim como escrito por Jesus:

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Êles respondia-me: É pena você ser preta. Esquecendo-se êles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 55).



Esse olhar de carinho da mulher negra com seu próprio corpo e das outras pessoas com o corpo negro, foi e permanece sendo negado por uma sociedade brasileira estruturada na exclusão de corpos não-brancos e/ou não-padronizados. A escrita de Carolina é rica, potente e me dá força para questionar e criar o embate contra uma estrutura que não me aceita, com isso eu busco a transformação.



**“GRITARAM-ME NEGRA!”:
ANCESTRALIDADE, LUTA
E ARTE DAS MULHERES
NEGRAS NA CONSTRUÇÃO
DE UMA AFRO ESTIMA**

Priscila Floriano da Silva

Victoria Santa Cruz (1922)

Descobri o racismo e o machismo desde os primeiros períodos de socialização antes mesmo da descoberta e construção de uma identidade enquanto mulher e negra. Os olhares cheios de repulsão direcionados a minha pele, meus cabelos e demais características, acompanhados de comentários carregados de estereótipos, fizeram-me rejeitar todos os traços negroides que compunham quem eu sou. Alisava os cabelos, colocava prendedor de roupas no nariz para afiná-lo e passava pó de pele mais claro que meu tom. Na escola, não levantava a mão nem mesmo para tirar dúvidas para que não tivesse novamente esses olhares direcionados a mim, sendo então colocada à margem do processo educacional. O racismo violenta não somente nossos corpos, mas, sobretudo, a nossa mente. E levando em consideração os marcadores sociais da diferença, também fui atravessada por desigualdade socioespacial, de classe e de gênero. Por muito tempo compreendia essas violências como um problema individual que atravessava somente a mim. Por mais que eu tentasse enfrentar, não sabia o caminho a seguir.

Somente ao ingressar em uma universidade pública em virtude das políticas de ações afirmativas como a Lei nº 12.711/2012, a lei de cotas raciais, pautada e conquistada sobretudo pelo Movimento Negro Unificado (MNU), destinada a pessoas pretas, pardas e indígenas, eu e muitas outras pessoas negras tivemos a oportunidade de romper com uma estrutura excludente, violenta e negligente, tendo a possibilidade de ocupar espaços que por muito tempo foram elitizados, como as instituições de ensino superior. Neste momento enxerguei em outras pessoas as mesmas vivências e feridas que o racismo abriu. Pude reconhecer a ancestralidade ao qual compartilhamos distanciando-me do conflito que sempre existiu e iniciar um processo coletivo de construção de uma identidade e consciência negra, tornando-me negra como apresenta Neusa

Souza Santos. Por meio dessas relações pude compreender as dores, possibilitando-me o entendimento e adquirindo, enfim, uma posição de enfrentamento diante da dominação ao qual nosso povo é submetido desde o século XVI.

Foi na universidade que tive a oportunidade de compor o Coletivo Diáspora Preta, coletivo negro independente da cidade de Marília/SP, atuante em atividades desde formações teóricas dos militantes, como atividades voltadas para a comunidade acadêmica da UNESP/Marília e toda a rede de ensino público da cidade. Realizamos oficinas de abayomi e apresentação de sua origem, turbante, penteados afro e demais encontros para a valorização da estética negra. Foram realizados debates sobre as políticas de cotas raciais, encarceramento da população negra e a saúde mental da população negra, para ampliar o debate sobre como o racismo estrutural afeta nas disparidades das quais enfrentamos. Desenvolvemos também cine debates com obras de cineastas negros, referente a questões raciais, saraus em diversas escolas com o intuito de levar o acesso ao debate, a arte e a cultura afro-brasileira e africana, com o intuito de romper com essa estrutura baseada no racismo, que nos impede de formar uma identidade negra forte, positiva e combativa. A arte, educação e informação são instrumentos essenciais para o combate de diversas violências e formação de sujeitos críticos e com autonomia.

Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, nascida em 1922 na cidade de Lima, no Peru, foi uma multiartista e educadora, que utilizando da poesia, música, dança, educação e juntamente com seu irmão Dicomedes Santa Cruz reestabeleceram um ativismo afroperuano para romper com o percurso de violência causado pelo racismo na formação da identidade negra. Em diversos países e culturas, as mulheres negras lideram os indicadores quando diz respeito a menor acesso à saúde, educação, mercado de trabalho e renda. Victória, a partir da arte-educa-



ção trabalha para romper com esses índices e com a naturalização da sociedade em nos associar a posições de inferioridade, dada pelo racismo e patriarcado, redefinindo a participação das mulheres negras através da luta, cultura e conhecimento. Victória criou o grupo Cumanana e fundou a companhia de Teatro e Danças Negras do Perú para difundir a música afroperuana. Seu trabalho foi importante não somente no Peru, mas em todo território Latino-americano.

A partir da realização de uma atividade do coletivo conheci Victoria Santa Cruz, um dos encontros preciosos que a militância e a educação pública me proporcionaram. Ao preparar uma apresentação para participação em um Sarau que ocorreria em uma escola estadual de Marília, conheci um dos grandes feitos de Victória, a poesia “Gritaram-me negra!”. No momento em que declamava a poesia, me encontrei com a menina que fui nos olhos daquelas crianças e compreendi a importância de uma educação antirracista na proteção e construção da identidade de nossas crianças.

“Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO!”

Para que a educação seja emancipadora, é necessário que a formação docente possua uma linha transgressora, que seja capaz de romper com as desigualdades estabelecidas pelo



sistema e que transforma a educação em mercadoria, descaracterizando a escola de sua função social. Embora a população negra tenha passado a acessar o ensino superior por meio das políticas de ações afirmativas, ainda estudamos, em grande maioria, os mesmos teóricos e pesquisadores brancos que não dialogam com a perspectiva decolonial. Por conta disso, é de extrema importância os grupos de estudos, os coletivos e docentes que se dedicam a estudar pensadores como Frantz Fanon, Bell hooks, Angela Davis e diversos outros que lutam por uma mudança social considerando raça como uma questão ligada a diversas problemáticas. Em meu trajeto, Angela Davis foi e é de extrema importância e uma referência para analisar e romper com a condição existente.

Angela Yvonne Davis nasceu em 1944, no estado do Alabama, no Sul dos EUA. Nasceu em meio as políticas de segregação racial e ataques da Ku Klux Klan, organização terrorista fundamentada em ideais supremacistas brancos. Além desse contexto, seus pais eram ativistas e participaram de movimentos antirracistas, Davis sempre foi marcada pela necessidade da luta pelos direitos civis dos negros em sua vida. Desde muito jovem, aos 15 anos, dividia os estudos com a militância, se aproximando de teorias marxistas, fazendo parte, anos depois, do Progresso, um partido comunista e em seguida, na década de 1960, alinhava-se a práticas de ações diretas e filia-se ao Partido dos Panteras Negras. Em sua trajetória, Davis foi marcada por perseguições devido a sua militância, sendo inclusive inserida na lista dos 10 mais procurados do FBI. Após conquistar sua liberdade, Davis seguiu na militância a partir da educação e formação, se tornou professora especialista em raça, classe e gênero, além de integrar a luta pelo abolicionismo penal no Brasil e no mundo. Obras como Mulheres, raça e classe possuem grande influência no combate as disparidades raciais, econômicas e de gênero produzidas sistematicamente.



Davis se tornou referência de luta e símbolo de resistência, teve sua vida marcada diretamente pelo racismo, segregação e violência e, por meio da educação e do ativismo, enfrentou essas dificuldades e passou a ser instrumento para a mudança através da educação no mundo todo até os dias de hoje.

Angela Davis e Victória Santa Cruz foram resgate da força ancestral, perseverança para a luta, encontro com a arte e cultura negra e movimento para que, a partir da educação, pudéssemos partilhar desse encontro com nossas crianças. Que esse movimento, desencadeie uma avalanche, assim como diz Angela Davis “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.”

Agradeço pela honra em representar grandes mulheres negras no Projeto “Sou Atlântica!” e desejo profundamente que esse trabalho atravessasse outras irmãs e irmãos. Axé!



HISTÓRIAS QUE ECOAM: O LEGADO DE ABDIAS E MALCOLM-X

Robson Justino Guedes da Silva

Abdias do Nascimento (1914)

Ao longo da minha trajetória me deparei com inúmeras violências. Hoje percebo como o racismo estava presente nas situações por mim vivenciadas e por muitas vezes silenciadas.

Para que eu pudesse “contrariar as estatísticas”, muitos corpos pretos foram vitimados durante o processo de construção do Brasil em função do genocídio da população negra. O racismo se moderniza e se recrudescer constantemente atingindo, majoritariamente, jovens e homens negros.

Durante a pandemia da *Covid-19*, a população negra se tornou o grupo mais vulnerável às medidas tomadas pelo estado brasileiro e suas consequências: a falta de emprego formal, a falta de acesso a saúde, a negação de vacinas contra o vírus pelo presidente do país, a falta de acesso à educação e aos recursos necessários para ter acesso a modalidade de ensino adotada pelas escolas durante a pandemia, dentre outras questões.

Ser negro e consciente no Brasil é lutar todo dia para resgatar a nossa humanidade e construir um novo modelo de sociedade, onde as pessoas negras possam ter assegurados seus direitos básicos e não negociem a sua sobrevivência, participando como agente ativo na construção de uma nova sociedade.

O Movimento Negro e seus intelectuais, através da militância engajada, atuam para denunciar o genocídio e o apagamento das contribuições políticas e culturais da população negra. Dentre essas personalidades, podemos mencionar Abdias do Nascimento que, ao escrever o seu livro sobre o “Genocídio do Negro Brasileiro” denunciou o racismo brasileiro e ao criar o Teatro Experimental do Negro, inseriu atrizes e atores negros como protagonistas de suas próprias histórias, indo na contramão do que a mídia hegemônica designa como “papel do negro”: um papel de subalternidade, estigmatizado pela teledramaturgia que nos coloca em lugares de subserviência.

Essa breve leitura que faço, só foi possível graças ao contato com pessoas negras em ambientes de reflexão e pelo acúmulo de leituras e atenção ao ouvir o que os mais velhos têm a falar e a contribuir para que nossa vida se prolongue, de forma mais leve, mediante a todo o conhecimento produzido pelas pessoas negras que de certa forma permitiu que eu ainda estivesse aqui.

Ter participado da exposição “Sou Atlântica” e retratar as personalidades negras da importância de Abdias Nascimento, Milton Santos e Malcom X foi como ter participado por um momento de uma ideia de Quilombo da Beatriz Nascimento, em que ela fala que não queria um quilombo necessariamente aqui mas em algum um lugar onde algum antepassado dela tivesse vivido, e por um momento parecia que ao retratar essas personalidades negras estabelecia-se alguma conexão de parentesco e nos levava a imaginar esse lugar em que a Beatriz Nascimento gostaria de estar e, eu também, queria fazer parte desse território.

Por fim, gostaria de ressaltar que a luta do Abdias Nascimento, do Malcom X e do Milton Santos continua, pois de certa forma trazemos conosco o desejo de emancipação e buscamos perpetuar o legado de cada um deles na diáspora. Nesse momento em que percebemos de que os direitos que a população negra conquistou, fruto de muita luta do Movimento Negro, estão sendo ameaçados, torna-se necessário que fiquemos atentos e nos posicionemos diante desses ataques. Como pontua o Steve Biko no excerto a seguir:

A gente ou está vivo e orgulhoso ou está morto. E quando se está morto, a gente não liga mesmo. E o modo como se morre pode ser, por si mesmo, uma coisa que cria consciência política. Assim, a gente morre nos tumultos. Para um número muito grande, na verdade, não há



realmente muito o que perder – quase que literalmente, dado o tipo de situações de que provêm. E assim, se a gente puder superar o medo pessoal da morte, que é uma coisa altamente irracional, sabe, então a gente está a caminho. (BIKO, 1990, p. 183).

Nós sempre encontramos meios para resistir ao emprenhimento de morte direcionado para o segmento negro nesse país, que tinha como projeto acabar com a população negra e continuamos aqui, pois como afirma a nossa matriarca Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar e nós combinamos de não morrer”, pois seguiremos cobrando a nossa dívida histórica que o Estado Brasileiro tem com as pessoas negras em que as cotas são o mínimo diante do que o País nos deve como reparação, por todo o tempo da escravidão.



MILTON SANTOS E A POTÊNCIA DO HOMEM NEGRO INTELLECTUAL

João Astaque

*Milton Santos (1926)*⁷

⁷ Releitura da fotografia realizada por Robson Justino da Silva.



maior geógrafo brasileiro de todos os tempos é um homem negro.

Milton Santos nasceu dia 3 de maio de 1926, na cidade baiana de Brotas de Macaúba. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia em 1948, porém, foi como geógrafo que o intelectual se destacou mundialmente, atuando também como jornalista e professor, tornou-se um dos maiores pensadores brasileiros e figura fundamental no estudo da geografia no mundo.

Para além de sua importância como geógrafo, pretendo nesse texto trazer à tona a força representativa que Milton Santos tem como homem negro brasileiro. A sociedade brasileira que mantém e constantemente atualiza seu racismo estrutural, reserva ao homem negro um lugar marcado pela violência e subalternidade, não apenas direcionando contra seus corpos o aparato estatal que o encarcera e mata, mas também, imprimindo em sua subjetividade camadas de estereótipos raciais que o desumaniza, causando uma espécie de encarceramento simbólico que mata lentamente seu espírito.

O homem negro no Brasil enfrenta desde cedo as consequências da violência racista lidando com agressões diretas e com a violência policial, mas também com a complicada formação da própria identidade, soterrada por escombros de estereótipos raciais difundidos pela mídia e pelo senso comum que o classifica como o bandido, o violento, o naturalmente atleta, o sexualmente dotado e outros modelos pré-estabelecidos. Nessa situação, o jovem negro tem dificuldade de saber aquilo o que realmente deseja ser, limitando-se em apenas escolher aquele modelo que lhe parece melhor e constituir sua personalidade em torno de uma caricatura racista de si mesmo.

No âmbito educacional os desafios persistem, o jovem negro não é visto como um intelectual em potencial, como diz Bell hooks no início do ensaio “Escolarizando homens negros”,

nenhum outro grupo de homens são vistos como desprovidos de habilidades intelectuais como os homens negros. Essa percepção faz com que as famílias, os professores e outros agentes participantes da educação desses jovens os direcionem estritamente para atividades voltadas para o corpo e para a força, negligenciando sua formação intelectual.

É a partir dessas reflexões sobre a formação subjetiva e intelectual dos jovens negros que compartilho nesse texto experiências da minha trajetória em comparação com a de outros homens negros. Desde muito novo ouvi frases que reproduziam esses estereótipos e que diziam coisas como “preto para ser rico só sendo pagodeiro ou jogador de futebol”, além de outras afirmações que davam a entender que se não tivesse êxito nessas áreas, o que sobrava era o duro e cansativo trabalho braçal. Interessante perceber que outros jovens homens negros que tive contato na minha vida, assim como eu, deixaram os estudos em segundo plano e tentaram a sorte como jogador de futebol e tantos outros almejaram sucesso na vida artística, ironicamente boa parte desses homens hoje dedica suas vidas ao trabalho duro, cansativo e mal remunerado. Acredito que não exista coincidência nesse ponto, garotos negros não são incentivados a verem a educação como uma via importante para sua formação e muito menos como um caminho para ascensão social. É dentro desse contexto que vejo a grandeza do potencial da trajetória de Milton Santos como referência de homem negro intelectual.

Essa grandeza vem da trajetória de um intelectual que soube alinhar o conhecimento acadêmico com a consciência de classe, sendo um militante ativo ao ponto de ser exilado no período militar, esse alinhamento serviu de base para que Milton Santos revolucionasse a geografia, sendo reconhecido mundialmente, atingindo o ápice ao receber o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, considerado o maior prêmio da área.



Quando penso na influência de Milton Santos na minha trajetória, me vem a mente o sentimento que tive quando, em um dado momento percebi que o conhecimento era melhor caminho para reconstruir uma identidade perdida em meio aos escombros das construções racistas em torno do homem negro, soube que o maior geógrafo brasileiro, que revolucionou a geografia e é reverenciado por todo mundo, era também um homem negro, assim como eu.



EU, REI?

Anderson Rodrigues

Marthin Luther King (1929)

Entre palavras escritas (e muitas vezes apagadas)
Um bolo de sentimentos permeia minha mente
“Vai lá Anderson! Diga como se inspira em Martin
Luther King!”

Agora me questiono: como descrever tudo aquilo
que se sente?

Ou melhor! Será que o Rei se sentia assim como eu?
Em alguns momentos aprisionado em um calabouço
Atirado em uma espécie de limbo
Simplesmente um plebeu?

Sei que ele possuía um sonho,
Não qualquer tipo! Um que moveu uma nação
Sonhava alto! Em ver nossos irmãos voando livres
Longe de todo tipo de segregação

E eu? Na maior parte do tempo só tenho insônias
Medos que durante a noite me dizem: “De nada
vai adiantar”
Ou, então, ecoam afirmando na minha mente
“Corra! Mas só se for de si. Ir além não se deve tentar”

O que mais posso dizer sobre o Rei?

Ele dominava a oratória
Fazia com que todas e todos se sentissem coroados

Encantava multidões com suas palavras

Não é à toa que ele ainda reina

Após 54 anos de seu assassinato

O que posso dizer sobre mim?

Essa é a dificuldade

Confundindo paciência, amabilidade e às vezes até
suposta sabedoria,

Me limito a dizer “Sim! Está tudo bem! Não se
preocupe” ou, então, “Faz parte”

Desta forma, o silêncio toma conta da minha
existência

E engulo seco tudo aquilo que gostaria de gritar
como verdade

Não meu caros! Não estou sendo dramático

Ao dizer que na maior parte do tempo me vejo
sufocado entre as palavras

Tentando lidar com as próprias contradições

Preocupado em decifrar meus pensamentos para não
ser devorado

Agora conseguem perceber a ironia?

“Eu como um astro rei?” Incrédulo reflito contem-
plando o luar

Em uma noite dessas de insônia tentando falar
sobre... Não, melhor!



DE-MONS-TRAR em como em Martin Luther King
eu posso me inspirar

Por incrível que pareça

Entre outras noites em claro

Me dou conta que nossa convergência

É justamente sonhar! (Mesmo que isso nos custe caro)

Sim! Acredito que já possuo a resposta

Ou melhor, uma possibilidade

Me sinto como o Rei, me sinto gigante!

Quando imagino para este mundo uma outra realidade

Fico imaginando um futuro

Sob a lua sonhando acordado

Afinal de contas, assim como costume dizer

Para alguns, sonhar já é um ato revolucionário

Por fim, digo para ficarem atentos

Pois não estou falando de uma mera fantasia

Ou, então, tendo devaneios

Estou falando de mudanças já em curso

De transformações que já deveriam ter ocorrido
há tempos

Que estão abalando as estruturas por inteiro

Luther King se orgulha neste momento

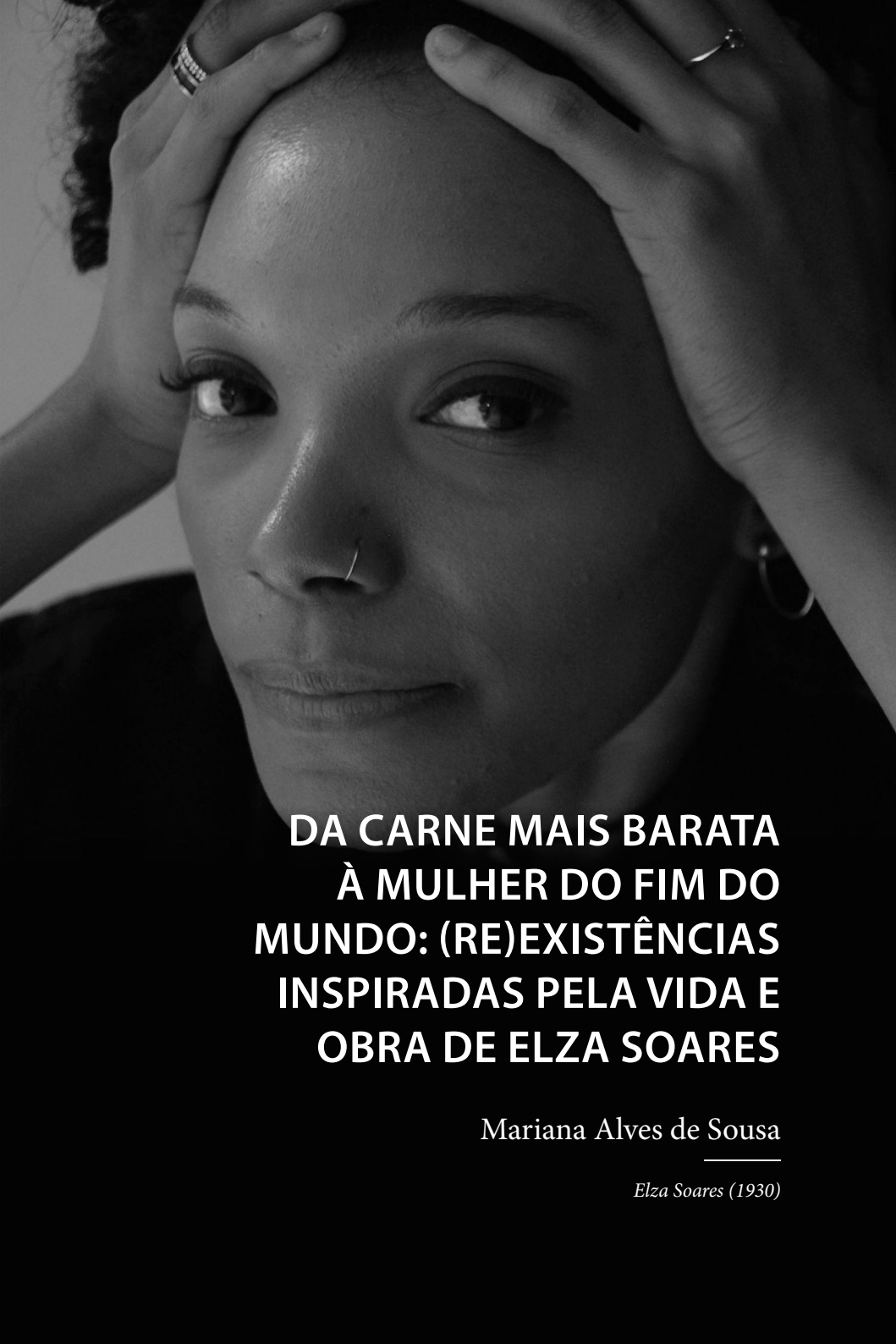
Por perceber que nada foi em vão

Está se tornando realidade, aquilo que outrora
foi um sonho

Livres, reis, coroados, gigantes, líderes estão se tornando
seus irmãos.






A black and white close-up portrait of a woman with her hands resting on her forehead. She has a nose ring and is wearing a ring on her left hand. Her expression is contemplative.

**DA CARNE MAIS BARATA
À MULHER DO FIM DO
MUNDO: (RE)EXISTÊNCIAS
INSPIRADAS PELA VIDA E
OBRA DE ELZA SOARES**

Mariana Alves de Sousa

Elza Soares (1930)

 Como dizia Carolina Maria de Jesus, se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta, resistente, áspera, dura, fértil, profunda, terrosa. (SOARES, 1930).

Elza da Conceição Soares, mulher, preta, artista, cantora, compositora, filha, mãe, avó, ancestral. Elza nasceu na década de 30, do século XX, mais precisamente em 26 de junho, na favela de Moça Bonita, onde hoje se situa a Vila Vintém, no Rio de Janeiro. Elza carrega o nome de sua mãe, Rosária Maria da Conceição, lavadeira. Seu pai, Avelino Gomes, era um operário que apreciava a arte da música. Seu Avelino apresentou o mundo da música a Elza que com toda sua genialidade desbravou esse mundo até o fim.

Apesar de toda majestade que sempre apresentou nos palcos, Elza teve uma vida marcada por todas as opressões estruturais que atravessam a realidade social de mulheres negras oriundas da classe trabalhadora: o machismo, o racismo, o sexismo, a violência doméstica, além dos obstáculos condicionados pela desigualdade econômica. Contudo, Elza jamais desistiu do seu objetivo de ser uma grande cantora e compositora popular brasileira e conseguiu: sua voz rouca inconfundível se tornou a “Voz do Milênio”, pela rádio britânica BBC em 1999 e se eternizou.

Infelizmente, Elza teve sua infância e juventude roubadas. Com apenas 12 anos, quando ainda era uma menina, Elza foi obrigada pelo pai a se casar com Alaúrdes Soares, 10 anos mais velho. Aos 13, foi mãe pela primeira vez. Em decorrência de uma doença, seu filho veio a falecer. Elza e Alaúrdes tiveram outros quatro filhos, dois morreram de fome.

Diante da pobreza que a assolava na época, Elza começou a trabalhar em uma fábrica de sabão, em um bairro da Zona Norte do Rio, Engenho de Dentro. A cantora transformou toda injustiça vivenciada, em resistência e arte. Aos 23 anos, realizou seu primeiro teste em uma rádio e foi destaque.



Elza viveu e cantou sobre a miséria que assola o “Planeta Fome”, título de seu álbum lançado em 2019. Apesar do nome, as letras do álbum aspiram a emancipação. O álbum é aberto pela faixa “Libertação”¹ na qual a cantora anuncia reiteradamente: “*Eu não vou sucumbir. Eu não vou sucumbir. Avisa na hora que tremer o chão*”. Assim, Elza nos ensinou a não abaixar a guarda e nunca abrir mão de nossa liberdade: “Precisamos ser criadas para a liberdade. O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é”².

Em 1959, Elza gravou seu primeiro disco que tinha a faixa do samba “Se acaso você chegasse”, de Lupicínio Rodrigues, que constituiu o marco inicial de sua carreira. Em 1962, após a Copa do Mundo que ocorreu no Chile, o jogador Garrincha rompeu o casamento para viver com Elza. Outro fato marcante na vida da cantora foi o exílio que fez para a Itália com Garrincha, em decorrência da perseguição dos militares durante a ditadura, na década de 70.³

Em 1986, Elza perdeu seu filho de apenas nove anos, apelidado carinhosamente por Garrinchinha em um acidente de carro e adotou uma menina, Sara. Para a cantora, o relacionamento que teve com Garrincha foi algo inigualável em toda sua vida: “*Uma coisa de louco. Um grande amor*”.⁴ O casamento das duas personalidades foi conturbado em função do alcoolismo do jogador e da violência doméstica que acometeu Elza. Ao romper seu relacionamento abusivo com Garrincha, a cantora relatou que sofreu ataques machistas da opinião pública que atribuiu o declínio da carreira de Garrincha a ela: “*Diziam que o Mané tava fracassando no futebol por minha causa. Não era por isso. Era o joelho dele que tava ruim. Bebida... era horrível isso*”⁵.

Nós sabemos que não era por sua causa, Elza. A questão é que você sempre foi uma mulher a frente de seu tempo e esse mundo retrógrado nunca esteve realmente preparado para



que você e sua ânsia por justiça e liberdade coubesse nele. Ainda bem que tivemos o privilégio de viver um pouco no mesmo espaço de tempo que você e contemplar sua grandiosidade. Sentiram pena de você, mas não precisava. Ali onde você chorou, qualquer um chorava, mas dar a volta por cima, quero ver quem dava.⁶

Em 2015, Elza lançou o álbum “Mulher do Fim do Mundo” e foi premiada no Grammy Latino pelo álbum que, também, foi escolhido como um dos dez melhores álbuns pelo New York Times, em 2016. Como vida e obra sempre foram duas partes indissociáveis para Elza, a cantora lançou mais um de seus grandes sucessos, “Maria Vila Matilde”, faixa do referido álbum. A letra retrata a insurgência de uma vítima da violência doméstica sobre seu agressor, como forma de inspirar outras mulheres a denunciarem os abusos sofridos:

Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180. Vou entregar teu nome e explicar meu endereço. Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço. Te jogo água fervendo se você se aventurar [...]. Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizinhos. Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim.

Elza tem muito a nos ensinar com suas composições sobre a luta contra o machismo, o racismo e todas as formas de desigualdade que atravessaram séculos e ainda persistem. Elza defendeu a luta por uma educação antirracista e denunciou o racismo religioso ao cantar “Exú nas escolas⁷” e reivindicar de volta a “alcinha roubada de um deus iorubano”.

Elza defendeu o empoderamento feminino em seu sentido pleno, coletivo e não individual, ao cantar que “a mulher dentro de cada um não quer mais silêncios⁸”, enalteceu a figura feminina e materna ao desconstruir a imagem cristã de um deus que é homem e branco para afirmar que “deus é mãe e todas as ciências femininas⁹”.

Elza fez trilha sonora para os movimentos sociais antirracistas ao cantar que “a carne mais barata do mercado é a carne negra, que fez e faz história segurando esse país no braço”¹⁰, e nos ensinou a “brigar bravamente por justiça e por respeito”.

Dentre tantas composições inspiradoras, Elza produziu mais de trinta álbuns entre a década de 1960 e 2022. Cantou até o fim. Tornou-se a mulher do fim do mundo. Eternizou-se. Na tarde do dia 20 de janeiro de 2022, Elza se despediu do Brasil e do mundo, deixando eternas saudades. Em 2018, tive o grande compromisso e honra de realizar a releitura de uma fotografia da “Mulher do Fim do Mundo”. Enquanto mulher negra, vivenciei, assim como Elza, as consequências do racismo estrutural e do machismo. Nunca foi fácil, mas a engenhosidade é uma ciência ancestral que precisamos preservar; nas palavras de Elza, “reconhece a queda, mas não desanima”¹¹.


Ao me deparar com minha fotografia representando Elza, passei a ver em meus olhos e nos olhos dela, a imensidão do fim do mundo e a potencialidade de ser quem eu quiser ser. A minha maneira, tenho aprendido a usar minha voz para dizer o que se cala e preservo comigo o que, já no auge de sua vida, Elza repetia para si mesma todos os dias: “*Venha mulher, venha comigo não para por favor de lutar. Não acredita que já venceu, que a luta continua*”¹².

Elza reuniu Carolinas, Lélias, Beatrizas, e tantas outras ancestralidades que emergiram através das (re)existências de mulheres pretas para que possamos viver um presente possível e um futuro próspero.

Muito obrigada, Elza. Vou te ouvir até o fim.








**A VIDA SENTIDA POR MEIO
DA SUBJETIVIDADE DA
MÚSICA: ENTRELAÇAMENTO
DE SENTIDOS**

Maria Valéria Barbosa

Nina Simone (1933)

“Eu vou te dizer o que significa liberdade para mim: não sentir medo”. (Nina Simone)

 Quando tive o privilégio de estar na oficina de fotografia e retratar Nina Simone isto mexeu com as minhas emoções. Neste momento em que revisito a foto e reflito sobre a vida de meninas negras, compreendo elos que me reconectam com o sentido de ser e estar no mundo, música e militância. Uma menina que cresce em meio a uma família pobre, de pais trabalhadores, sem muita instrução formal, mas ricos de sabedoria e sensibilidade, consegue sentir o poder da música e sua capacidade de salvar a alma e o corpo, também.

Isto me lembra *“Body and Soul”*, uma música dos anos de 1930, na voz de Bille Holiday, que me articula com a ancestralidade de ser atlântica e sentir como a música foi necessária para que a humanidade dos povos escravizados pudesse ser celebrada, apesar de toda a dor que a violência do cotidiano os remetia.

Minha mãe torna-se cozinheira, mas já tinha sido empregada doméstica, o pai músico por paixão, mas marceneiro por necessidade. A música foi uma constante em nossas vidas, pois os ensaios de trombone se fizeram presentes todos os dias, quando meu pai realizava os seus exercícios musicais. Ele pôde viver da música, ao tocar na orquestra Continental de Jaú, por alguns anos, mas com a crise dos anos 70 e o fechamento das orquestras, veio o desemprego e com isto, outra realidade se fez presente no dia a dia da família, foi neste momento que minha mãe se torna cozinheira e passa a distribuir carinho por meio do prazer de fazer e degustar uma boa comida, desta que alimenta corpo e alma. Esta infância de pobreza material sempre foi regada com cuidados e carinho para que pudéssemos crescer vislumbrando a possibilidade da construção de um mundo sem opressão e racismo.

Estar e viver no mundo dos brancos, sempre foi um desafio, já que o racismo esteve presente em todas as esferas da vida cotidiana, sobretudo na escola. Era preciso ser forte para existir e resistir, assim a música foi o elo desta construção, que me conecta com Eunice Kathlenn Waymon, mais conhecida como Nina Simone, cantora negra, compositora, pianista e ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Há, porém, outras semelhanças em nossas histórias de vida, que está presente em outras tantas histórias de crianças negras.

Nina Simone, também nasceu em uma família pobre, na Carolina do Norte, EUA, seu pai marceneiro e sua mãe empregada doméstica. Porém, sua mãe era ministra na igreja metodista, Nina sempre com sua mãe, frequentava a igreja e foi neste ambiente que ela conheceu a música negra e teve contato com o piano, tinha apenas 4 anos e aos 7 anos participou do seu primeiro recital. Mesmo sendo uma apresentação simples, foi a porta de entrada para os seus ensinamentos na música clássica. Ela contou com a contribuição coletiva da comunidade local, que criou um fundo que financiava os seus estudos, sendo a primeira artista negra a estudar na Escola de Juilliard, em Nova York. A continuidade nos estudos fora interrompida por ter dificuldades financeiras e a negativa de uma bolsa, motivada pelo racismo da instituição, apesar do seu enorme talento.

Assim passou a tocar em bares e assumiu um novo nome para aplacar a dor de sua família, que não aceitava o caminho que teve de escolher. O nome artístico de Nina Simone, tem origem espanhola e significa menina e Simone foi em homenagem à atriz francesa Simone Signoret. Além de tocar piano, passou a cantar e descobre que sua voz grave, com a sofisticação da sua técnica no piano, logo a levaria para uma carreira promissora nos diferentes estilos da música negra norte americana.



O seu engajamento político se expressou, inicialmente, após a morte de quatro crianças em atentado racista em uma igreja batista, a canção é *Mississippi Goddamn*. “Você não tem que viver ao meu lado. Apenas me dê a minha igualdade”. Igualdade que até hoje é bandeira da nossa luta pela superação do racismo. Ela percebeu a força da luta política e o quanto a sua arte deveria refletir a sua militância pelos direitos civis. Compôs uma canção em homenagem a Martin Luther King, que cantou em seu enterro, com a força de sua voz que expressou a dor de todos/as negros/as, onde quer que possamos estar.

O seu envolvimento político criou barreiras para a continuidade da sua carreira nos Estados Unidos, sendo obrigada a se mudar para a Europa, fixando residência na França. Ela se consagra, posteriormente, nos anos 80, como uma das artistas negras mais importantes do mundo, sua luta política pela superação do racismo expressa por meio das sua arte, reverbera em cada *Menina Negra* que acredita em uma sociedade sem racismo, como sempre eu acreditei e ainda acredito. Salve **Nina e a menina** que habita em cada uma de nós.

LÉLIA GONZALEZ: O FLORESCER DAS ROSAS NEGRAS

Pollyanna Fabrini Silva

Lélia Gonzalez⁸ (1935)



⁸ Releitura da fotografia realizada por Kaliane Oliveira.

Uma trajetória consolidada em meio a muita pesquisa acadêmica, militância e vivência. Falar da biografia de Lélia de Almeida Gonzalez é compreender a eterna referência de uma mulher negra brasileira. Militante do movimento negro e movimento das mulheres, se licenciou em História e Filosofia, com mestrado em Comunicação Social, atuou como professora universitária de Antropologia e Cultura Popular Brasileira, escrevendo vários artigos que problematizavam as questões sociais, o racismo, a linguagem e demais assuntos correlatos.

No doutorado se especializou na área da antropologia política, e contribuiu com os estudos de Cultura Negra no Brasil. Corroborou com a fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCNRJ), com a construção do Bloco Afro Olodum da Bahia, e o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), mais tarde reconhecido como o Movimento Negro Unificado (MNU).

Nascida na cidade de Belo Horizonte/MG em 1935, filha de um operário negro e uma empregada doméstica de etnia indígena, se mudou ainda pequenina para a cidade do Rio de Janeiro, local em que construiu e encerrou sua trajetória de luta, em meados de julho de 1994.

Seu sobrenome se deu por conta do curto casamento instituído na década de 60, com o então espanhol Luiz Carlos Gonzalez. Uma união inter-racial que se fez importante para compreensão vivaz do racismo propagado pela família do marido. Esta atmosfera permitiu uma maior análise da sua anulação identitária e tentativas de se enquadrar no mundo social branco. Estas análises são fundamentais para seu envolvimento com a psicanálise, propulsando uma transformação ampla no que tangencia seu comportamento e inserção na luta racial.

Estabelecer um cronograma de uma biografia tão extensa, de uma mulher negra que atuou em tantas frentes sociais, é rememorar as similaridades de muitas histórias. Nós mulheres negras temos muitos pontos e vivências comuns, e esses marcadores são mensuráveis a exemplo dos papéis sociais direcionados, e por vezes destinados, a nós. Assim como Lélia, também trabalhei muito cedo como babá e paulatinamente entendia o estudo como uma perspectiva de mudança de vida. Tudo para a mulher negra chega de forma mais tardia, inclusive a consciência de si. Anular-se enquanto negra era uma possibilidade de maior inserção social, em vários momentos da minha trajetória também me via nesta tentativa incessante de me enquadrar socialmente, um caminho longo de mudança para que a negação da negritude ganhasse outros contornos dando espaço para uma afirmação identitária, discursiva e política em prol da luta antirracista.

Lélia foi uma pioneira a romper com velhos dogmas academicistas, se propôs a evidenciar a amplitude das relações de raça e gênero. Esse desbravar científico em terras “tupiquins” se deve muito aos estudos e constatações de Lélia. Sua participação frente ao movimento de mulheres possibilitou reflexões sobre a qualidade de vida que as mulheres brancas envolvidas nestas pautas políticas se encontravam. O comparativo com as condições de vida passa a ser passível de avaliação, percebendo a distinção da realidade cotidiana das mulheres negras.

Neste sentido, pode-se dizer que o movimento de mulheres permitiu a formação política das discussões de gênero, assim como a formação da consciência racial das mulheres negras. Eu, particularmente, sempre me fortaleci na participação de espaços de construção com outras mulheres negras, aliás, foram estes espaços que intensificaram minhas visões de gênero e endossaram a problemática racial. Propiciou maior compreensão da minha condição de mulher negra, assim como uma visão crítica da con-



juntura acadêmica, a valorização da vivência e a necessidade de direcionamentos que efetivem uma mudança social, intelectual e emancipatória. Entender-me mulher negra, acadêmica e militante fez com que assumisse a responsabilidade de contribuir com uma mudança significativa para outras mulheres.

Outra prerrogativa que me chama atenção no curso acadêmico de Lélia se faz no seu cuidado com a linguagem. Além de questionar sobre o padrão epistêmico em sua gramática normativa, interessava a escritora produzir textos de fácil compreensão para a comunidade que representava. A formulação do “pretugês” se faz importante ferramenta linguística para compreendermos o processo diaspórico e a fusão linguística das diferentes nacionalidades convivendo no Brasil, no período colonial. Embora não tenha sido formada outra língua, afinal falamos português, o contato com os povos africanos, deixou seus vestígios e resistiu na oralidade.

A academia nos molda de tal forma que a nossa escrita começa a nos aproximar muito mais do processo acadêmico do que da realidade da comunidade negra. Até então nenhum problema, mas na minha visão se faz importante também a auto-crítica, principalmente, para quem envereda suas pesquisas nas relações raciais. Preocupar-se com a devolutiva àqueles que possuem menor acesso à educação formal é essencial para que novos paradigmas cheguem em esferas diversas. Essa necessidade de ser compreendida pelos meus através da minha escrita acadêmica, também me permite estreitar pontes com os ideais de Lélia.

Outro tópico fundamental que precisamos evidenciar na trajetória de Lélia é a invisibilidade acadêmica e suas contribuições teóricas. Sabemos da incipiência dos estudos que se debruçam a esmiuçar o papel das mulheres, principalmente das mulheres negras. Se atualmente vislumbramos uma relativa mudança do cenário, isso se deve a geração de novas mulhe-


res que assumem estas narrativas históricas e questionam seus apagamentos. Se avaliarmos os grandes marcos de movimentos organizados em prol da igualdade racial, as mulheres negras, principalmente na memória histórica, foram inseridas enquanto suplementares.

A história da mulher negra no Brasil ainda não foi devidamente narrada, trata-se de uma lacuna que precisa ser preenchida. Se no âmbito acadêmico, de modo geral, ainda estamos distantes de sermos representadas, trazer para cena as referências bibliográficas e protagonismos de mulheres negras intelectuais que escrevem e escreveram sobre suas vivências, é tarefa essencial.

Demonstrar as ações e histórias dessas mulheres negras do passado, é afirmar que o legado posto por elas não foi e nem será em vão. Dar visibilidade a todas essas ações é trazer à tona o papel fundamental já trilhado por nossas precursoras. É problematizar teorias, áreas e ações para que as gerações futuras de mulheres negras que adentrem nos espaços de poder, possam se enxergar, evidenciar suas histórias, aprimorar nossos avanços, adensar novas propostas, e significativamente alterar nossa realidade. Que sejamos para sempre Rosas Negras!







**NAVEGANDO NOS MARES
DE MARIA BEATRIZ
NASCIMENTO: MEMÓRIA,
LUTA E PERTENCIMENTO**

Daniela Almeida Lira

Maria Beatriz Nascimento (1942)

Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização. Disto me vem um grande arder que às vezes paralisa a produção, sem a interlocução do outro. É um momento de alteridade muito sólido, a solidão do Pantera Negra ou de Biko. (NASCIMENTO, 2018, p. 420).

Sendo uma mulher negra e de periferia, o sentimento de invisibilidade me acompanhou e acompanha em muitos momentos. Por esse motivo, a existência e escrita de Maria Beatriz Nascimento é um respiro.

Sua trajetória nunca dissociou sua existência e particularidades a sua escrita e fala, mesmo em ambientes, como o acadêmico, que rechaçam esse tipo de concepção. Essa mudança que tem sido trazida para o interior de espaços historicamente negados a corpos negros é uma das contribuições que mulheres negras angariaram e que me permite escrever e falar sobre determinados assuntos hoje, transformando a forma que me vejo em ambientes onde somos constantemente invisibilizados. Como diz Lélia Gonzalez: “O lixo vai falar, e numa boa”. (GONZALEZ, 2018, p. 193).

Mas, para adentrar nos mares profundos de Beatriz Nascimento é mais que necessário compreender aquilo que me despertou a escrever esse texto que remete a seus escritos e trajetória.

Nascida em Aracaju, Nascimento foi para o sudeste e aos 28 anos adentrou o espaço universitário. Se torna professora da rede pública do Rio de Janeiro e com sua forma de pensar trilha uma caminhada que alia militância e pesquisa. Foi mãe, poeta, acadêmica e ativista. Beatriz falou sobre quilombo, mulheres negras, racismo na educação e a importância de entender a realidade brasileira a partir de outro viés.



Diante dessa grandeza, me pergunto, como estabelecer paralelos entre minha história e a da autora?

Em seus escritos Maria Beatriz pontua: “Sinto-me escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros” (NASCIMENTO, 2018, p. 420). Assim como o movimento do mar que vai e vem, Beatriz percorre em sua narrativa a história da população negra e, como quem costura uma grande manta, reconstrói sua própria história a partir do passado, tecendo caminhos para quem estaria por vir. Essa perspectiva é trazida em sua concepção de quilombo, espaço que a autora dedicou parte de sua escrita, onde descreve o sentimento de pertencimento, de fazer parte de um oceano.

Quilombo é aquele espaço geográfico onde o homem tem a sensação do oceano. Raquel você precisa se sentir na Serra da Barriga. Toda a energia cósmica entra no seu corpo. Eu fico grande numa serra. Eu fico assim, Raquel, alta. Eu, assim fico alta, parecendo os imbangala. Sabe como é? Essa coisa de negro mesmo. (NASCIMENTO, 1989 apud RATTIS, 2007, p. 69).

Ora, estar diante de algo tão grande não deveria nos dar a sensação de pequenez? Em um mundo fragmentado, a sensação é sim, de invisibilidade e de insignificância. Mas, Beatriz está falando de algo diferente, de um outro mundo possível que a população negra constrói desde muito tempo.


Ela se sente grande porque se sente parte, fala de ancestralidade para sussurrar em nossos ouvidos a necessidade de estabelecer elos entre passado, presente e futuro e, assim, nos ajudar a enfrentar as tentativas de apagamento constantes que vivemos individual e coletivamente, busca pelo que “preenche e se eleva num alargamento de horizontes, em face de um sistema



cujas forças o reduzem, o encapsulam e o puxam para baixo.” (RATTS, 2007, p. 69).

Frente a essa busca de estabelecer um fio condutor que perpassa memória, corpos, lugares e sentimento, que minha trajetória se interliga com Maria Beatriz Nascimento. O caminho trilhado por ela permite eu me auto afirmar, ocupar espaços. Ser única e ao mesmo tempo ser muitas e parte de algo muito maior denota continuidade e, assim, nos cria sentido de continuar criando algo novo. Um movimento dialético que a autora, em Orí, associa ao mar e ao seu movimento.

Eu sou parte do coletivo a que Beatriz se referia. Sou parte, também, das pessoas que tiveram caminhos abertos por tudo aquilo que ela teceu e cultivou durante sua trajetória de vida. Ressoando quase que como um guia: essa realidade e luta também é tua!



**SUELI CARNEIRO:
"ESCRITOS DE UMA VIDA"
POR RE-EXISTÊNCIAS**

Júlia Brito

Sueli Carneiro (1950)


Viver enquanto mulher negra no Brasil é estar em um campo de batalha, antes os navios levavam nossos filhos e familiares, hoje o mar é substituído pelo asfalto. Por isso foi uma grande honra pra mim também fazer uma releitura de Sueli Carneiro, mulher negra, militante, filósofa e um marco no Movimento Negro brasileiro.

Sueli é potência, sua escrita me movimentou muito ao longo de minha trajetória e principalmente quando adentrei a academia. É uma honra dividir o mesmo tempo e poder prestar essa homenagem em vida, tendemos buscar mártires somente, mas saber que Sueli está na ativa é um refresco, admirar uma vida toda dedicada a luta antirracista e alcançar lugares que nós mulheres negras as vezes nem almejamos por ser tão distante. Sueli é resistência.

Com exemplos como esse, penso no peso da minha existência diariamente desde o momento em que entro nos espaços e sou percebida, quando estou dentro de uma universidade pública como intelectual, quando saio com minhas roupas de santo pelas ruas e dentro das salas de aula como professora do estado. Cada passo que damos é um ato de

resistência, cada avanço que a mulher negra dá é significativo, ou como bem formulou Angela Davis “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.





**NEGRIDÃO: ESCURIDÃO
PERTENCE AO UNIVERSO
POR ISSO SOMOS LIVRES**

Maré Magalhães Moreira

Jean-Michel Basquiat (1960)⁹

⁹ Releitura realizada por Cynthia Onyliagha.

Basquiat surge diante de nós com artefatos de invocação. A figura negra se transmuta em Eleguá, em Exu, que embora se represente de múltiplas formas, possui uma corporeidade capaz de representar diferentes materializações que transformam a energia de uma imagem em um “eu” que se fragmenta do corpo e de suas ficções de gênero e racialização.

Carne está separada da ossatura, por Basquiat, tal qual um Gede haitiano. Jean revela a estrutura óssea viva em seu corpo negro. Não parece que Basquiat pretendeu representar o corpo do negro aniquilado pela necropolítica racista do estado norte-americano ou ao atingir um sucesso dentro do sistema racial. Ele desconstrói e transforma o corpo – ou a ideia que temos dele – restituindo sua estrutura óssea viva. Não se trata meramente de representar o corpo convencional da anatomia, nem a imagem do corpo enquanto esquema corporal. Basquiat vai além.

Um dos temas de J-M Basquiat são os heróis negros do mundo contemporâneo, desde os artistas de *jazz*, os *boxers*, os fotógrafos, etc. Ele os apresenta de uma maneira muito particular com os rostos reduzidos a máscaras rituais de inspiração africana utilizando coroas simples de três pontas, iguais as desenhadas por crianças, propondo a horizontalização da figura do rei.

Essa abordagem tem implicações políticas e nos permite refletir ontologicamente sobre o fato das pessoas negras reivindicarem a consciência de seu legado, a memória ancestral, de modo a resgatar os saberes não-ocidentais que foram marginalizados. As obras de Basquiat invoca uma consciência que reivindica as memórias como uma possibilidade de Ananse: um conjunto inteiro de elaborações de vida em diáspora que até hoje vivemos, a reivindicação de ser e estar.

Neste sentido, a arte de J-M Basquiat encontra-me e a mim cativa. Afinal, corpo, as disputas pelas narrativas, as reflexões ontológicas e implicações que tensionam as concepções

hegemônicas são alvos de minhas flechas filosóficas e artísticas. Nos primeiros contatos com A Filosofia, esse território em disputa, intuí que precisaria ler outras perspectivas, ser e estar esqueleto vivo, estruturar minha linguagem, argumentação, escritos e escrevivência com a ossatura exposta. Sou pichadora desde os três anos de idade. Durante um período, as paredes da casa da minha avó se tornaram meu suporte. Mais tarde, os muros da cidade se tornaram esse suporte. Nesse contexto, a tag SAMO em tantos lugares ficaria adequada, assim como minha tag em tantos cantos ficou.

A psicóloga e artista Castiel Vitorino Brasileiro, no livro “Quando o Sol aqui não mais brilhar: a Falência da Negritude”, pergunta a pessoa dita como negra: **“Se amanhã pousar na lua, o que dirá aquela rocha sobre você?”** (BRASILEIRO, 2022, grifo nosso). Ao lançar esta pergunta, Castiel, nos permite realizar um exercício ocasional de liberdade e criatividade: imaginar Basquiat desenhando nas rochas lunares, como ele fez em tantas outras superfícies, como mesas, paredes, portas etc. Imprimindo suas reflexões sobre a interioridade mais extrema. Expressando sua visão de mundo em várias superfícies como culturalmente acontecia em Kemet. Fazendo o que eu faria e recomendo: articular-se sem se falsificar, emanar suas vivências, para que delas mais vida se emane. Ocupar-se de viver.

Castiel e Jean nos demonstram que existem outros parâmetros de compressão ontológica sobre nós. Podemos ser envolvidas pela escuridão, pelo negrume e pela disputa por tudo que há nesse contexto, mesmo não sabendo o que ali está. A colonialidade pode ser caracterizada pelo movimento de expansão da escuridão. Ao passo que as pessoas de pele escura e suas civilizações afirmam sua existência, a supremacia branca se engendra no *modus operandi* da sociedade moderna contemporânea como forma de controle da negridão dos mares. (BRASILEIRO, 2022).



Como contrapartida, as práticas de ontologia visuais, de ontologia de curas e de encruzilhadas, práticas essas que nos atravessam e enegrecem nossos centros. Atravessam nosso meio. Práticas essas que busco formular desde criança-viada até os dias de hoje, quando em uma batalha de sangue me encontro frente a frente com o outro. Práticas de nado e sobrevivência em alto mar, elaborações e visões que Castiel e Basquiat nos presenteiam. Viver o ocidente praticando atentados contra a vida do ocidente e não contra nossa própria existência.

Ao se engendrar de haveres de criação, encruzilhando novas dimensões do imaginário e dessa forma, alterar o nosso modo e estilo de vida, as pessoas que buscam praticar suas expressões, dizeres e pensares de forma a balizar estas para fora da branquitude, estão gestando um outro mundo possível. Em essência toda a linguagem é mágica, toda articulação de sensível mistério, é hipnótico acontecimento.

Para isso, Castiel usa o que a mesma chama “Estéticas Macumbeiras”. Basquiat usou magia negra, e aqui negra em seu negrume, mistério das feiticeiras, das ruas e do hipnótico cântico das quebras, o R.A.P. Eu aprendo a usar a oralidade de nossas anciãs, os conselhos de vastas tribos, filosofar, aprender a ouvir com os meus ouvidos e não com as orelhas do ocidente. Basquiat e Castiel colocam as suas autoimagens envoltas pela escuridão, dissolvendo-as na memória transculturalizada da espécie Homo Sapiência, ou seja, mergulham e nos inundam, rumo a escuridão líquida, dos oceanos e do mistério. A corporeidade se apresenta em uma Anatomia da Água, que nos possibilita dançar de outro modo e sobre outros dilemas.

Para a ontologia epistêmica necrótica cultuada pela branquitude, a morte representa a patologia da própria exploração do ser humano, mas para Jean e Castiel Vitorino, para as culturas ancestrais negras ou mesmo para muitas das culturas

orientais budistas, ela representa a relação com o mundo espiritual e a raiz do Ser. Daí devemos ter sempre cuidado ao “ler” os quadros de Basquiat e de outras que articulam seus saberes-escuros através da Artes. Temos que deter a decência de projetarmos as nossas construções ideológicas, inconscientes, herdadas da nossa cultura ocidental branca-europeia sobre estas.

São inúmeras elaborações preciosas sobre transfigurações vitais que podem ultrapassar a ideia colonial de vida, alimento, unguento, uma alternativa para o banzo, ao invés de consumir terra, como efeitos da solidão e tristeza produzida pelo sequestro e roubo colonial. As obras de Basquiat nos mobilizam a alimentar e retroalimentar-se das práticas efêmeras de liberdade, de modo a perpetuar as práticas desta tão difícil missão de transicionar o ocidente numa coisa **outra**, que permite a (re)existência plena de **outros** corpos para além daqueles alinhados aos parâmetros hegemônicos ocidentais. Permitir a muitas outres, outras e outros, fazer como faço, produzir matéria escura, matéria textual, unir-me ao canto que invoca o contragolpe, a onda negra. Basquiat com seus dedos sujos de tinta preta, recém-saída do pote, enegreceu galeria, como Exu, comunicou. Laroye. Que esse texto seja um objeto de invocação da Negridão.







**UMA VIDA, MILHÕES
DE MORTES**

Kaliane Oliveira

Marielle Franco (1979)

14 de março de 2018

Rio de Janeiro, bairro Estácio, Zona Central.

No ano de 2022 completa quatro anos que Marielle Franco foi brutalmente assassinada e ainda não temos respostas. Quem mandou matar Marielle Franco? E por quê?

Marielle Franco, mulher negra, LGBTQIA +, cria da maré, socióloga e mestre em Administração Pública teve sua vida ceifada em um assassinato político no ano de 2018. Quantas similaridades, eu e tantas outras mulheres negras no Brasil, temos com Marielle Franco.

Conectar a minha história com a de Marielle se mostrou uma tarefa extremamente difícil. Alguns pontos da história das nossas vidas nos unem e acredito que o mais nevrálgico deles é o de ser mulher negra no Brasil. Mas, apesar disso, muitos deles nos distanciam. Digo isso, porque apesar da importância de se fazer conexões, não creio que eu, honestamente, possa dizer que a minha trajetória tenha episódios tão desafiadores e dolorosos cercados de tanta luta devido as injustiças sociais, como as que Marielle viveu.

Eu vivi na periferia de São Paulo a maior parte da minha vida e passei por diversas situações com as quais pude empiricamente comprovar que o Estado tenta nos matar todos os dias das mais variadas maneiras, ora com tiros de fuzis, agressões físicas e psicológicas, ora negando acesso à educação, saúde e bens empregos. Mesmo tendo esse triste elo de conexão, peço perdão, mas eu não posso me comparar a Marielle Franco.

Marielle é uma das figuras políticas mais importantes das últimas décadas, sendo a quinta vereadora mais votada na cidade do Rio de Janeiro, com dois projetos de lei aprovados e

16 projetos políticos apresentados na câmara. Grandes contribuições para a cidade que hoje eu chamo de casa¹.

Infelizmente, Marielle não conseguiu escapar das estatísticas de mortes de pessoas negras no Brasil. Segundo o Atlas da Violência 2021², a população negra tem 2,6 mais chances de ser assassinada em comparação àquela de uma pessoa não negra. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a dos não negros foi de 11,2.

Naquele 14 de março eu não consegui conter minhas lágrimas e chorei muito ao pensar na família de Marielle e Anderson e na brutalidade do acontecimento. Era novamente a farsa disfarçada de tragédia, mais uma mulher preta que partia seguindo o guia de extermínio da população negra, sem nenhum empecilho e sem qualquer disfarce.

Marielle, quero lembrar da sua morte para poder seguir lutando, mas também de tudo o que você representou em vida, sua luta e seu trabalho pelos direitos humanos na cidade do Rio de Janeiro, da sua militância pelas as mulheres negras e LGBTQIA +, da sua coragem e seu protagonismo.

Essa foto em sua homenagem é para honrar a sua vida.

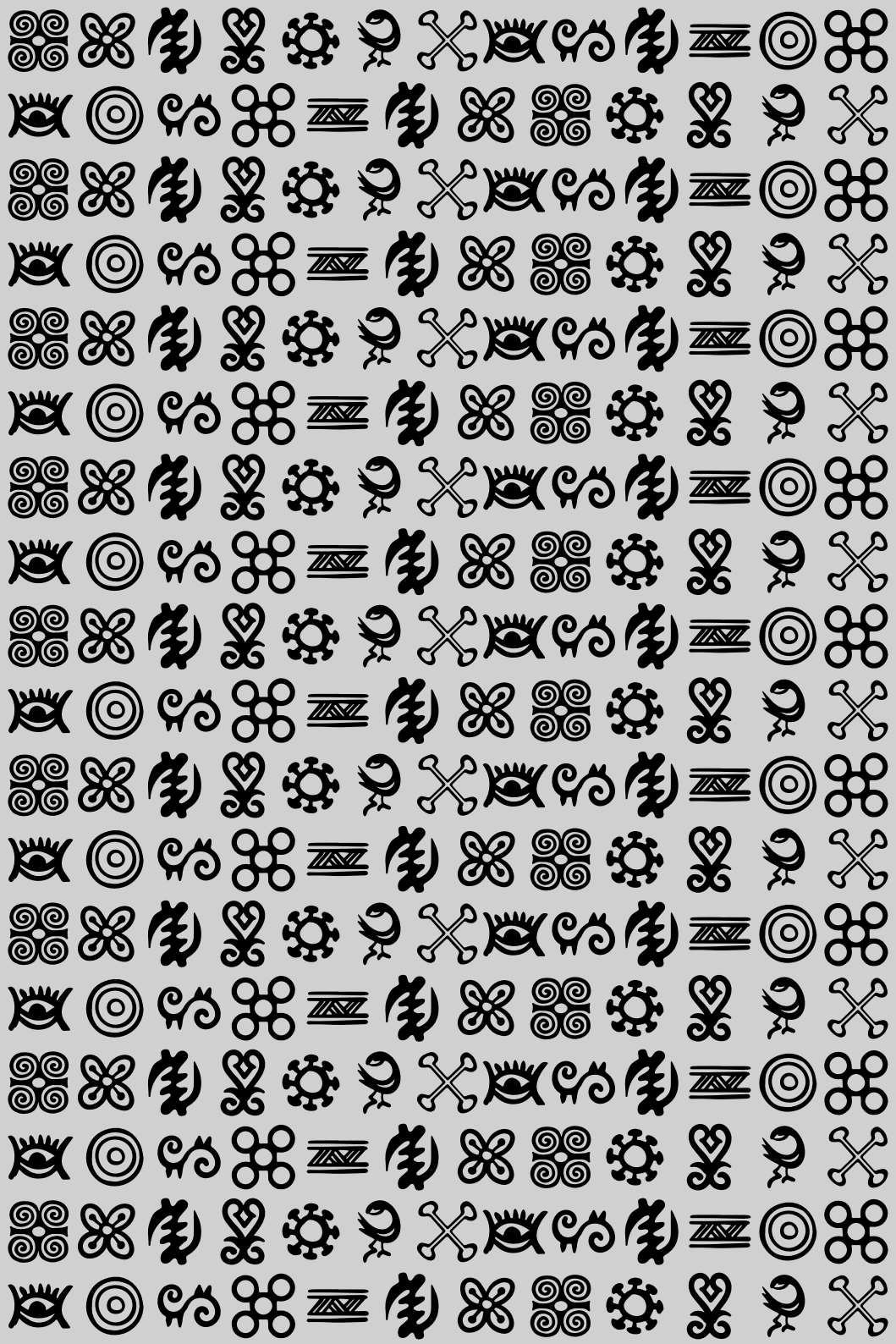
MARIELLE FRANCO PRESENTE!





SEÇÃO 4








INTERVENÇÕES EDUCATIVAS A PARTIR DA EXPOSIÇÃO SOU ATLÂNTICA

Maria Valéria Barbosa
Daniela Almeida Lira

 Os objetivos da Sociologia no ensino médio demonstram como a disciplina possui grande potencialidade de desconstruir e desnaturalizar a realidade social posta, que é pautada na desqualificação e estigmatização do ser negro/a em todas as dimensões da vida social, podendo, também, colaborar no fortalecimento da identidade negra que, assim como outras identidades, se constrói a partir do reconhecimento de si nas relações sociais, nas instituições e em como se é representado.

Nesse sentido, a utilização da exposição “Sou Atlântica”, na disciplina de Sociologia é algo não só possível, mas que foi realizado por diferentes docentes. As ações inspiradas na exposição demonstram como a fotografia pode ser meio para ressaltar a importância de um ensino-aprendizagem comprometido com a pauta antirracista.

Essa perspectiva dialoga com a busca pela consolidação da Lei nº 10.639/03, quando visa trazer parte da história afro-brasileira e, conseqüentemente, africana, para repensar currículos e práticas de ensino e aprendizagem que reprodu-




zam racismo no ambiente escolar. A seguir, trazemos exemplos de práticas pedagógicas exitosas que foram realizadas no interior de escolas visando o fortalecimento da identidade negra, a partir das inspirações causadas pela exposição “Sou Atlântica”.



O AUTOAMOR COMO PARTE DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA FOTOGRÁFICA ANTIRRACISTA E FEMINISTA: É NOIS PRETOS!

Elizabeth Aparecida Pereira Tapias Martinez
Maria Eduarda de Moraes Torres

 primeiro dia de aula do ano de 2021, a retomada das atividades presenciais, revelou impactos de uma ação pedagógica realizada no final de 2019. A *Semana da Consciência Negra*, que ocorreu na Escola Estadual Professor Antônio de Baptista, elaborada por toda comunidade escolar, com iniciativa da professora de Sociologia e das estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Unesp de Marília, foi lócus de florescimento de diversas discussões que trouxeram ao centro raça, gênero, classe e educação.

Em 2021, ao trombarmos com Jéssica nos corredores, foi possível notar que o seu cabelo mudou. A estudante explicou que “Foi o dia da semana da consciência negra sobre o cabelo. Comecei a me questionar do porquê alisava e depois disso parei. Meu cabelo é lindo”.

Em outros momentos da Semana, foi impossível deixar de notar como a auto aceitação foi um assunto frequente nas manifestações de estudantes. Isso surgiu, especialmente, na realização da exposição fotográfica “É nós pretos!”. Inspirada na expo-



sição “Sou Atlântica”, realizada pelo NUPE/Marília, a atividade se concentrou em um dia de trocas e fotografias na escola, que depois foram reveladas e expostas para toda a comunidade escolar.

A necessidade da atividade se afirmou pela consideração de que as manifestações racistas acabam por fortalecer um imaginário negativo, estereotipado e cristalizado a partir do passado escravista, e fazem com que as juventudes negras não se reconheçam como sujeitos construtores da própria história. Nessa perspectiva, o sofrimento associado a dor é naturalizado, reforçando, através das histórias tristes que estipulam marcas e condições da negritude, uma humanidade inferiorizada. Reproduzir intensamente essa marca numa única referência, naturaliza uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação. (LIMA, 2005).

Por isso, é necessário pensar em maneiras de subversão dessa narrativa, sobretudo no espaço escolar. E foi isso que a exposição fotográfica almejou. bell hooks indica que “a menos que transformemos as imagens da negritude, das pessoas negras, nossos modos de olhar e as formas como somos vistos, não poderemos fazer intervenções radicais fundamentais que alterem a nossa situação”. (hooks, 2019, p. 31).

Além do espaço escolar ser o lugar em que passamos grande parte do tempo de nossas vidas, é nele que nos relacionamos com diferentes sujeitos, ora somos afetados ora afetamos. Segundo Gomes,

[...] a escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades. O tempo de escola ocupa um lugar privilegiado na vida de uma grande parcela da sociedade brasileira. Esse tempo registra lembranças, produz experiências e deixa marcas

profundas naqueles que conseguem ter acesso à educação escolar. Tais fatores interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses vêem a si mesmos e ao outro no cotidiano da escola. (GOMES, 1996, p. 68).

Dessa forma, pensar em como o espaço escolar pode contribuir para transformar essas imagens da negritude, sobretudo ao considerar a urgência de intervenções antirracistas radicais, mostra-se relevante. No contexto da Semana da Consciência Negra a exposição fotográfica surgiu como uma possibilidade pedagógica e teve resultados positivos expressos em relatos de estudantes no momento da atividade e no que foi percebido, posteriormente, como a mudança na relação de algumas estudantes negras com seus cabelos.

As reações das/dos estudantes expressaram a noção do auto amor como prática transformadora (hooks, 2019) e, assim, expressões: “Como eu tô bonita!”, significaram, nesse contexto, a abertura de caminhos para a ressignificação do ser negra e negro.

Diferentemente da exposição “Sou Atlântica”, a atividade foi realizada sem o apoio direto de outras fotografias de personalidades negras. Esta intervenção contou com uma oficina de fotografias, mas também com rodas de conversa sobre as experiências das/os estudantes com maquiagens, roupas e turbantes. Além disso, muitas alunas e alunos escolheram realizar suas fotos com familiares que estavam presentes no dia da atividade. Para Bell hooks, “Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o auto amor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação.” (hooks, 2019, p. 45).

É preciso pontuar que ao planejarmos a exposição fotográfica, o espaço escolar não foi pensado somente como um local de transmissão de conhecimentos ou como um espaço de desen-



volvimento de habilidades e competências. Pelo contrário, a escola foi considerada como um lugar que tem a função social e política de compreender as juventudes como sujeitos sociais, históricos e culturais e, com isso, reconhecer, valorizar e respeitar as diferenças ao buscar socializar o conhecimento historicamente acumulado.

Diante dos desafios enfrentados no contexto brasileiro, sobretudo após a pandemia de Covid-19 e com o acentuamento das desigualdades sociais, torna-se urgente a realização de práticas pedagógicas conscientes acerca das questões raciais, de gênero e da diversidade étnico-cultural na escola. De acordo com Audre Lorde,

Com muita frequência, desperdiçamos a energia necessária para reconhecer e explorar diferenças fazendo de conta que são barreiras intransponíveis, ou que nem ao menos existem. O resultado disso é um isolamento voluntário ou conexões artificiais, traiçoeiras. De qualquer forma, não desenvolvemos ferramentas para usar a diferença humana como um trampolim que nos impulse para a mudança criativa em nossa vida. (LORDE, 2019, p. 143).

A consideração das diferenças é necessária para que a mudança aconteça e que seja possível construir uma escola emancipadora em que o diálogo com a realidade das juventudes, com o mundo que as cerca e com as diversas dimensões da vida esteja presente. Isso tem importante papel no estabelecimento de conexões entre o conhecimento escolar e a vida social, inclusive contribuindo com os processos de afeto e com subjetividades mais críticas, que se coloquem contra toda e qualquer forma de discriminação, preconceito e, conseqüentemente, contra a ideologia racista e sexista.



NO CAMINHO DA LUZ, TODO MUNDO É PRETO E PRETA: CAMINHOS DO ENSINAR E APRENDER

Carolina Baruel de Moura
Tiago Vieira Rodrigues Dumont

A exposição fotográfica, “No caminho da luz, todo mundo é preto e preta!!!”¹⁰, ocorreu em novembro de 2021, como parte das atividades desenvolvidas no mês da Consciência Negra com os estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual “Professor Baltazar de Godoy Moreira”, localizada no município de Marília, São Paulo.

Ao longo da atividade realizamos uma releitura de imagens de personalidades negras ressaltando os diferentes contextos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais, buscando uma representatividade e empoderamento a partir das diversas pessoas que romperam barreiras e conseguiram se consolidar em suas trajetórias pessoais, políticas e sociais.

Com essa exposição buscou-se resgatar a importância da luta por uma sociedade sem preconceito e racismo. Neste

10 O título da exposição teve como inspiração a música: “Amarelo” e “Principia”, do cantor e compositor, Emicida. Além do livro organizado por Alex Ratts, intitulado: “Sou Atlântica” e, a exposição fotográfica, de mesmo nome, realizada pelo NUPE (Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão) da UNESP - Marília.



sentido, convidamos toda a comunidade escolar a refletir sobre a importância das lutas sociais dos afrodescendentes, mas também dialogamos sobre o lugar da escola na construção de um conhecimento crítico e de sujeitos conscientes de seu papel, mesmo no contexto das adversidades do nosso tempo.

Por meio dessa reflexão, propomos a ocupação dos lugares representativos de nosso cotidiano como, por exemplo, a arte, a ciência, a música, o esporte e a política, pois, conforme destaca Alex Ratts (2007, p. 11), é urgente “recolocar em pauta a voz das expressões negras”. Ou, como afirma Emicida (2020), é necessário perceber que toda sombra compõe uma luz; forma o Elo de todo AmaR (AMAR+ELO); constrói e reconstrói o nosso caminho enquanto seres pertencentes à humanidade.

A educação escolar deve ser instrumento para produção das necessidades sociais, pois ela é uma das formas de “atividade humana” e, por excelência, socialmente, responsável pela sistematização desse processo. (SERRÃO, 2006). Sendo assim, é necessário ao conjunto dos sujeitos sociais inseridos na escola e, em particular ao professor, o entendimento sobre o seu papel dentro da sociedade, ou melhor, do seu lugar enquanto sujeito mediador de um conhecimento historicamente acumulado e socializado na escola. Nesse sentido, é necessário

[...] compreender que “ensinar a ensinar” é uma “atividade de ensino”, que pressupõe: a necessidade da apropriação de determinados conhecimentos; intencionalidade, manifesta nos objetivos estabelecidos; o desencadeamento de ações, mediadas por estudantes, professores e por instrumentos materiais e ideais, para que tais objetivos sejam atingidos; e, finalmente, operações

que ofereçam as condições para a realização dessas ações. (FERNANDES, 1989, p. 38).

A possibilidade do desenvolvimento de atividades a partir da participação ativa dos estudantes, pode nos ajudar a resgatar os objetivos da aprendizagem e possibilitar restabelecermos o sentido da escola. Assim, se torna importante propor-mos projetos com o uso das tecnologias, como é o caso da fotografia, mas também, de instrumentos¹¹ que possam fornecer elementos para um melhor enfrentamento desse quadro. Ressalta-se, ainda, que a proposta de elaboração e desenvolvimento dessa atividade foi norteada por um trabalho interdisciplinar¹².

Diante disso, a realização dessa atividade buscou ensinar o conteúdo curricular de modo que fosse possível apreender a escola numa ótica que considere a multiplicidade cultural dos sujeitos sociais envolvidos e as tramas de suas relações cotidianas, pois

11 Entre 2018-2019 aplicamos um questionário na escola, com apoio do Programa Institucional de Bolsa à Docência (PIBID), Residência Pedagógica (RP) e do Núcleo de Ensino, todos os projetos vinculados a UNESP - Campus de Marília. Ressalta-se que este instrumento tem como finalidade primeira produzir dados que permitam identificar algumas das características dos estudantes do Ensino Médio da “Escola Estadual Baltazar de Godoy Moreira”. Com isso, temos elementos que subsidiam a construção do perfil dos estudantes, assim como, a coleta de dados que melhor oriente as ações que estão definidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Uma segunda, informação, a ser destacada é que tais dados podem ser utilizados para nortear o desenvolvimento de atividades do conjunto das disciplinas do currículo escolar, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem, à medida que estabelece um diálogo com os sentidos e significados atribuídos pelos diferentes sujeitos que estão envolvidos com a educação escolar, em particular, com os estudantes.

12 Agradecemos a possibilidade de desenvolvimento dessa atividade à direção, coordenação, funcionários e professores da Escola Estadual “Professor Baltazar de Godoy Moreira”, em especial as professoras Camila Comin, Eliane Tonet e ao professor: Rafael Tavares.



Ante as necessidades educativas presentes, a escola continua sendo lugar de mediação cultural, e a pedagogia, ao viabilizar a educação, constituiu-se como prática cultural intencional de produção e internalização de significados para, de certa forma, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos. (LI-BÂNEO, 2004, p. 5).

Tendo em vista a perspectiva da interdisciplinaridade, a proposta utilizou estratégias pedagógicas que possibilitaram a construção de alternativas para o processo de ensino e aprendizagem. O processo de construção da exposição iniciou-se com aulas expositivas dialogadas sobre a temática, composição dos grupos, pesquisa e produção de textos/resumos sobre as personalidades escolhidas, produção das fotografias, construção e montagem da exposição e, por fim, rodas de conversa sobre o produto final com os estudantes. Tudo isso tendo os professores e professoras como mediadores e nossos alunos e alunas como protagonistas do trabalho.

Para o desenvolvimento da atividade vários espaços da escola foram utilizados com objetivo de desenvolver e permitir vivências diferenciadas de práticas pedagógicas. Por meio da música “Amarelo” do Emicida e do debate sobre a ocupação da população negra em determinados lugares na sociedade brasileira no mundo contemporâneo, foi possível dialogarmos e desenvolvermos a produção de quase todas as fotografias disponibilizadas na mostra. Neste sentido, buscamos pensar a fotografia não apenas como um meio para o debate do conteúdo curricular, mas também, como uma técnica que possibilita captar os dilemas do nosso cotidiano. Com isso, corroboramos com a ideia do pesquisador e fotógrafo Henri Cartier-Bresson (2021) de que a fotografia consegue colocar na mesma direção a cabeça, o olho



e o coração, ou seja, intersecciona as dimensões racional, visual e afetiva da interpretação do mundo construída pelos sujeitos.

Finalizamos o trabalho com a construção de uma sala ambiente, na qual os estudantes, em conjunto com os professores, elaboraram e construíram um espaço propício para exibição das fotografias, mas também para interação e reflexão sobre como a população negra, apesar dos avanços no fomento de políticas públicas e do seu acesso a direitos sociais, políticos e econômicos, ainda é lançado sob ela um olhar marginalizado. Sendo, portanto, necessário a construção de uma luta por uma igualdade étnico-racial, dentro e fora dos muros da escola.

Ressaltamos ainda que a realização da atividade permitiu um maior envolvimento dos estudantes, assim como, uma melhora qualitativa nas avaliações, que vão desde a escrita a participação ou realização delas. Essa prática demonstra a construção de um sentido que vai além da necessidade de ter uma nota, mas também, de se apropriar de um debate, de uma reflexão e de conhecimento historicamente construído e compartilhado na história da humanidade. Um exemplo muito contundente foi a discussão sobre a possibilidade de Jesus ser negro. O grupo de estudantes que desenvolveu essa temática realizou uma pesquisa profunda e apresentou argumentos científicos para construir a narrativa para sua fotografia. A imagem de Jesus negro causou estranhamento em muitos estudantes e foi um dos temas mais debatidos nas rodas de conversa, uma vez que havia estudantes que nunca haviam pensado nessa possibilidade.

As atividades descritas acima fazem parte de um esforço, não só de criação, mas também de realização, no sentido de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem que necessitou da colaboração do conjunto dos sujeitos que compõem a escola. Mais do que um envolvimento nesta atividade possibilitou uma formação e reflexão do que é o processo de ensino e



aprendizagem. Desse modo, acreditamos que é possível termos a utopia de que a escola, mesmo diante de tantos desafios e contradições, resulta de um trabalho coletivo e que algo é possível fazer e ainda existe algo por fazer.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por Marleide Rodrigues da Silva Perrude

E escrever as considerações finais da obra “Fotografias e escrita negra: recontando histórias, construindo elos”, que foi produzida a partir da colaboração de graduandos e pesquisadores negros comprometidos com as práticas antirracistas, inicialmente, apresentou-se como um desafio que aceitei.

O aceite ocorreu porque o trabalho foi resultado de uma proposta coletiva que prezou pelo resgate da memória e da história de pessoas, de personalidades negras que a história oficial e o conhecimento acadêmico insistem em silenciar. Os membros do NUPE de maneira corajosa e audaciosa decidiram quebrar esse silêncio, ressignificando o olhar e a leitura de referências históricas, construindo, abrindo e possibilitando um diálogo pedagógico e político sobre as histórias, por meio da fotografia, proporcionando uma leitura com todos aqueles que almejam a construção de uma educação antirracista.

Não tive a oportunidade de participar da exposição “Sou Atlântica”, mas a leitura das imagens e das escrevivências reunidas nesse livro permitiu o entendimento dos elementos proporcionados pelas imagens que movem a pensar e refletir enigmas presentes em cada olhar e em cada expressão. Enigmas e elos entre o ontem e o hoje que nos favorecem diferentes interpretações, ressignificações, construções de narrativas e de vivências de novas histórias.



Trata-se da primeira seção de escritas e escrevivências negras e do recontar da história a partir das narrativas de quem mergulhou na experiência de deixar-se fotografar, inspirado em referências negras. Assim, ao enveredar pelas leituras das fotografias e das escrevivências negras em que os participantes registram os sentidos e sentimentos atribuídos a atividade vivenciada e seus significados para si e para um coletivo, foi possível descortinar os “elos” que se assemelham nas diferentes trajetórias que inspiram e nos sujeitos que se deixaram inspirar por tais narrativas.

A segunda seção nos trouxe os ensaios fotográficos e nos convidou para as possibilidades, para as novas releituras sobre a produção das produções fotográficas sob a perspectiva decolonial, como nos acena Anderson Rodrigues. A seção nos leva a pensar inúmeras possibilidades sobre o trabalho com fotografia e sobre o olhar por meio de uma lente não estática, mas repleta de histórico, de movimento e de sentidos.

Algumas palavras nos convidam à reflexão, como: *acolhida, pertencimento, resgate, trajetórias, entrelaçamentos, (re) contar a história, evocação de potencialidades, resistência e liberdade*, que, assim como tantos outros registros que esse livro nos apresenta, instigam o leitor a pensar possibilidades pedagógicas a partir da exposição “Sou Atlântica” como nos foi apresentada.

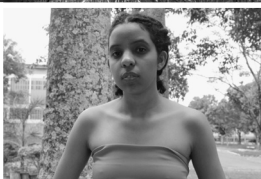
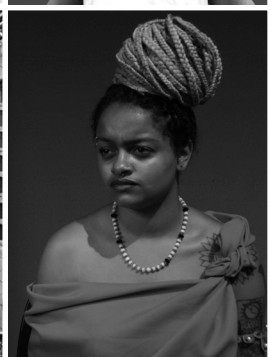
Contribuir para a construção de uma educação antirracista tem sido visto como um dos principais instrumentos fundamentais para o combate ao racismo e construção de um “novo” projeto político, social e pedagógico. É o que suscita a Lei nº 10.639/2003, atualizada pela 11.645/2008, que propõe a inserção da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena, e tem provocado professores, coordenadores pedagógicos, diretores e toda equipe escolar.



Assim, esse trabalho nos remete ao sentido do quilombo que Ratts (2021, p 241) apresenta, ao refletir sobre sua existência, ontem, hoje e amanhã. De acordo com o autor, “[...] quilombo é o espaço que ocupamos. Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil.[...]. Contra todas as forças conservadoras. Quilombo hoje é momento de resgatar o histórico. Está presente em nós, entre nós, no mundo”.

Assim ocupamos o espaço, com nosso corpo, com nossa cultura, com nossa imagem, organizamos quilombos, buscamos o fortalecimento, buscamos a força, buscamos resistir e existir. Este trabalho registra esta força que pretende, pela fotografia, pela leitura e a releitura, o aquilombar.







REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem na relação professor aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: **Indisciplina na escola: alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BARRETO, Raquel. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

BARRETO, Raquel. Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude**. [S.L]: N-1 Edições, 2022.

CAPRA, Carmen L., MARQUES Mayra C. **Victoria Santa Cruz: existência e escuta das mulheres negras em arte e educação**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/victoria-santa-cruz-existencia-e-escuta-das-mulheres-negras-em-arte-e-educacao/>. Acesso em: 8ago 2022.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez, **Revista Estudos Feministas**, 22(3): 320. Florianópolis, 2014.

CARTIER-BRESSON, Henri. **Henri Cartier-Bresson: Fotógrafo**. São Paulo: SESI Editora, 2021.

_____. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.



DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1960.

DE NORONHA, Danielle Parfentieff. A importância social da imagem: reflexões sobre diferença, representação e poder em diálogo com um pensamento decolonial. **Illuminuras**, v. 20, n. 50, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FLORESTAN, Fernandes. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1985.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em: 31 jan. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, n. 6-7, p. 67-82, 1996.

_____. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes Ltda, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: **Primavera para as rosas negras**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 34-53.

_____. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Primavera para as Rosas Negras. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. p. 190-214. 2018.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

_____. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. **A gente é da hora:** homens negros e masculinidade, Tradução de Vinicius da Silva, São Paulo: Elefante, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo:

Ática, 2014. 200 p.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, p. 101-116, 2005.

MARTINS, Luís de Sousa. A fotografia de Rocha Peixoto. Reflexões em torno do seu lugar num projecto fotográfico. **Póvoa de Varzim. Boletim Cultural**, v. 43, p. 297-313, 2009.

Me gritaron negra. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 8ago 2022.

MEIRA, Marisa Eugênio Melillo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (Orgs.). **Psicologia histórico-cultural:** Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MUNANGA, Kabenguele. (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 103.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:** Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Textos e narração de Ôri (documentário). Direção de Raquel Gerber. Roteiro: Maria Beatriz Nascimento. [S.L]: Canal Curta Tv, 1989. VHS, son., color. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>. Acesso em: 04 nov. 2022.1989.

NÚÑES, Isauro Beltrán. **Vygotsky, Leontiev, Galperin:** Formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Liber Livro, p. 25-127, 2009.

Quem é Angela Davis? Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2022/03/10/quem-e-angela-davis/>. Acesso em: 3out 2022.



RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. **Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1995.

SILVA Jr, Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Brasília: UNESCO, 2002.

SERRÃO, Maria Isabel Batista. **Aprender a Ensinar: a aprendizagem do ensino no curso de Pedagogia sob o enfoque histórico-cultural**. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Pollyanna Fabrini. **Movimento de mulheres negras: Análise das relações raciais pela perspectiva dos cabelos crespos**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

SUZUKI, Clarissa. Retornar Ao Passado Para Ressignificar O Presente E Construir O Futuro: de-colonialidade no ensino das artes visuais. In: 27º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 27., 2018, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Anpap, 2018. p. 01-13. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2018/content/PDF/27encontro____SUZUKI_Clarissa.pdf. Acesso em: 04 nov. 2022.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**. n. 1, v. 1, mar-jun. 2010.





SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

Alex Ratts

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (1988), mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1996), doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2001), com estágio pós-doutoral em Geografia na Universidade Federal do Ceará (2015). Professor na Universidade Federal de Goiás nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e de pós-graduação em Antropologia. Coordenador do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (LaGENTE/IESA/UFG). Trabalha com as questões étnicas, raciais, de gênero e sexualidade em perspectiva interseccional e, também, com a obra e a trajetória de intelectuais negres. Integrante do conselho consultivo da Casa Sueli Carneiro. Poeta e militante negro e lgbtqia+.

Ana Maria Klein

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Educação (área temática psicologia e educação) pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Estadual Paulista, UNESP campus São José do Rio Preto e do Programa Multidisciplinar Interunidades de Pós Graduação Strictu Sensu: Ensino e Processos Formativos (UNESP São José do Rio Preto/Ilha Solteira e Jaboticabal). Assessora técnica da



vice-reitoria (2021- atual). Líder do grupo de pesquisa CNPq - Direitos Humanos, educação e diversidades. Membro do Comitê de Ética na Pesquisa (2017-atual) Vice-coordenadora do GT de São Paulo da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos. Coordenadora do curso de Pedagogia (2018-2020). Presidente da Comissão de Direitos Humanos UNESP/São José do Rio Preto (2017-atual). Coordenadora do GT do Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão NUPE/Rio Preto (2015-2019). Membro do Conselho Consultivo do Observatório de Educação em Direitos Humanos da UNESP. Consultora ONU/PNUD; UNESCO em Educação e Direitos Humanos. Consultora da UNESCO em programa de formação docente. Consultora do MEC no programa Ética&Cidadania e em Educação em Direitos Humanos.

Anderson Rodrigues

Graduado e mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Durante sua graduação foi voluntário no projeto PIBID de Ciências Sociais. Seus principais campos de estudo são: religião, juventude, contemporaneidade e Educação. Atualmente participa das atividades do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE), além de ser docente na rede pública de São Paulo.

Andreas Hofbauer

Possui doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1999) e doutorado em Völkerkunde pela Universidade de Viena (1986). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Marília. Atua principalmente nos seguintes temas: racismo e antirracismo, diferença e desigualdade em contextos afro-diaspóricos, cultura e religiosidade afro-brasileiras, teoria antropológica e pós-colonialismo.



Carolina Baruel de Moura

Possui licenciatura em Ciências Sociais (2004) e Pedagogia (2015) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Marília. Possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na área de concentração Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira, na linha Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações Educacionais. Atuou como professora na rede estadual paulista desde 2004 em várias categorias de trabalho docente. Atualmente exerce a função de Coordenadora de Gestão Pedagógica de Agrupamento Escolar (CGPAE) na qual é responsável pela formação continuada em serviço de Coordenadores de Gestão Pedagógica na rede estadual paulista.

Dagoberto José Fonseca

Possui graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994), doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000), pós-doutorado em Educação pela Universidade de Campinas (2009) e Livre Docente em Antropologia Brasileira pela Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus de Araraquara (2014). Atualmente é docente da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Departamento de Ciências Sociais; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Campus de Araraquara e Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - Campus Franca - UNESP; Coordenador Científico do NUPE. Tutor do PET-Ciências Sociais - FCLAR - UNESP; Coordenador do Projeto Interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica à Docência (PIBID) no projeto “Educação de Jovens e Adultos: o letramento crítico como base para uma abordagem interdisciplinar”



vinculado à CAPES/MEC; assessor da Comissão Nacional da Verdade sobre a Escravidão Negra no Brasil do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. É parecerista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e outras instituições de fomento à pesquisa, bem como de revistas acadêmico-científicas, tem experiência e publicações na área de Antropologia e Sociologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro Brasileiras e Africanas, atuando principalmente nos seguintes temas: cidadania, educação, memória, corpo, identidade, imaginário, cultura, políticas públicas, religião, mulher negra e organizações sociais.

Daniela Almeida Lira

Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Filosofia e Ciências, na linha de pesquisa: “ Pensamento Social, Educação e Políticas Públicas”, com projeto intitulado “A Implantação das ações afirmativas para negras(os) nas universidades públicas estaduais paulistas”, orientado pela Prof^a Dr^a Maria Valéria Barbosa e financiado pela CAPES. Licenciada e bacharela em Ciências Sociais, também pela UNESP-FFC, tendo versado em sua monografia os seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos(as), Relações Étnico-Raciais e Exclusão Educacional, com bolsa PIBIC- CNPq (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Também integrou o PIBID (Programa Institucional de Iniciação à Docência) e foi bolsista do Núcleo de Ensino da UNESP- FFC, no projeto Em Curta Sociologia e Podcast Sociológico. Atualmente integra o Núcleo Negro para Pesquisa e Extensão Universitária da UNESP-FFC, o Coletivo Acolhe Afro e o LEePES- Laboratório de Ensino e Pesquisa Educação e Sociedade.

Elizabeth Aparecida Pereira Tapias Martinez

Possui formação no magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) em 1994. Graduação em Ciências Sociais - Bacharel em 1998 e Licenciatura Plena em Sociologia e Curta em História e Geografia em 1999, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Licenciada em Pedagogia - UNAR de Araras em 2008. Pós-Graduação *Lato Sensu* em Alfabetização e Letramento - FINOM em Paracatu/MG em 2011. Desde 2012 é vinculada à rede pública do Estado de São Paulo como Professora de Sociologia na Escola Estadual Antônio de Baptista. Professora Supervisora do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de 2017 a abril de 2021). Mestranda em Sociologia (Profsocio), Membro dos Grupos de Pesquisa: Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural e Laboratório de Ensino e Pesquisa Educação e Sociedade (LEePES).

Fabiana da Silva Soares

Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/USP sob orientação de José Guilherme Magnani, professora de Sociologia na rede básica de ensino, além de integrante dos grupos Núcleo Negro para Pesquisa de Extensão (NUPE) e Grupo de Estudos Enfoques Antropológicos (GEA), ambos ligados a UNESP de Marília, onde realizou a graduação em Ciências Sociais.

Gabriel Silva

Cientista Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.



Jéssica Machado dos Santos

Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília. Pós graduação em História da África e Diáspora Africana pelo Instituto Pretos Novos (IPN) do Rio de Janeiro. Atualmente é professora da rede estadual de São Paulo e professora voluntária do cursinho pré-vestibular CAPE em Ribeirão Preto.

João Astaque

Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, atua como professor na rede de ensino básico do Estado de São Paulo. Paralelo à carreira docente, desenvolve um trabalho como escritor e produtor editorial independente, em 2020 publicou o livro “O lado mais frio da cidade é o esquerdo do meu peito”, uma coleção de dezesseis contos que tratam de temas presentes na vida de jovens negros e periféricos.

Júlia Brito

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, cursando o Bacharelado na grande área da Sociologia e Licenciatura plena em Ciências Sociais. Artista visual com um projeto independente de colagens digitais e experiência em pintura a óleo e acrílica. Possui também experiência na área da educação popular no ensino de literatura. Está apta para lecionar Geografia, História, Sociologia e Filosofia nos ensinos fundamental e médio.



Kaliane Oliveira

Cientista Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Leonardo Lemos de Souza

Professor Associado da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP- Assis, atuando na graduação em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação (Campus de Marília). Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UNESP-Assis, Doutor em Educação pela UNICAMP e Livre-docente em Psicologia do Desenvolvimento pela UNESP-Assis. Chefe do Departamento de Psicologia Social, Evolutiva e Escolar (atualmente Psicologia Social) (2012-2016) e também coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNESP-Assis (2016-2021). Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP (GT Psicologia, Políticas e Sexualidades), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação-ANPED (GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação) e da LASA - Latin American Studies Association. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Psicologia, Cultura e Coletivos Queer - PsiCUQueer e do LIESS - Laboratório Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades. Atualmente está à frente da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade junto ao Gabinete do Reitor da UNESP. Tem como campo de estudos as políticas e os processos de subjetivação de gêneros e sexualidades nas práticas e saberes de/sobre infâncias, adolescências e juventudes a partir dos estudos feministas, pós-estruturalistas e decoloniais.



Maré Magalhães Moreira

Maré é performer, escritora, bailarina e atriz. Bixa – Travesty, nordestina, artista, com formação técnica em Teatro pelo Senac/Botucatu. Atuou na Quadrilha Teatral Notívagos Burlescos de 2012 a 2017 e no grupo Pé de Step em 2017 e integrou o grupo Oficina Da Dança, do qual participou do projeto Qualificação em Dança em 2019, com orientação de Ricardo Gali. É integrante do núcleo Maya-Lila desde 2017 e aluna de dança de Marília Coelho desde 2010, com qual é parceira de trabalho desde 2016, com trabalho contemplado pelo ProAc e editais municipais. Cocriou o vídeo dança “Negricia” com a multiartista Fernanda Ribeiro em 2020 e é criadora da Não Morra Triste Produções onde desenvolve pesquisas e experimentações audiovisuais. Integrante do movimento negro da cidade de Botucatu, com o qual organiza e atua nas atividades do mesmo, chamado Novembro Negro. Fez parte do coletivo Rep. Van Grogue, que em conjunto organizou festas LGBTQIA+, promovendo a igualdade de gênero e sexualidade e quebra de tabus através de um ambiente festivo onde ocorre o diálogo não verbal. Atuou auxiliando o Coletivo Cultural Rubião Júnior nas organizações de ocupações culturais e oficinas no bairro de Rubião Júnior. E atualmente cursa Filosofia na UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília. Gosta de bolo e é felina.

Maria Eduarda de Moraes Torres

Graduada em licenciatura em Ciências Sociais pela Unesp de Marília e com bacharelado em andamento. Integra o LEePES (Laboratório de Ensino e Pesquisa Educação e Sociedade) da Unesp de Marília no eixo de trabalho “Linguagens e Emancipação” e o OSP (Observatório de Segurança Pública), também da Unesp de Marília, como uma das coordenadoras do projeto de extensão “Gênero, feminismos e violência: dialogando com a comunidade escolar de Marília e região” do grupo FERES (feminismos: práticas e resistências).

Mariana Alves De Sousa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Campus Marília, na linha de pesquisa Psicologia da Educação: processos educativos e desenvolvimento humano. Possui graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências Sociais (2017) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e mestrado em Sociologia (2020) pela UNESP/Marília (ProfSocio). Participa do grupo de pesquisa PsiCU queer - Psicologias, coletivos e culturas *queer* e do Laboratório de Ensino e Pesquisa Educação e Sociedade (LEePES), ambos certificados pelo CNPq. Participa do NUPE - Marília (Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão). Atualmente desenvolve a pesquisa intitulada “Marcas da Decolonialidade nas Práticas e Saberes de Mulheres Negras Educadoras” com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Mariana Cristina Teles da Silva

Licenciada e, atualmente, bacharelanda no curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Marília. Atualmente bolsista pesquisadora no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) pela CNPq/Reitoria com a pesquisa “Juventudes refugiadas e migrantes: a busca do acesso à educação” que apresenta a perspectiva dos jovens e, compreender, quais são seus enfrentamentos enquanto estudantes em condições de migração internacional. Também compõe o Núcleo de Ensino junto ao projeto “Transmídias: Juventude e o Ensino de Sociologia”, onde explora como a Sociologia contribui em reflexões sobre o cotidiano pensando na difusão do conteúdo entre as juventudes. De 2018 até o presente momento compõe o Coletivo Negro Diáspora Preta (CDP), que realiza projetos com crianças e adolescentes da rede pública de ensino, por meio de oficinas relacionadas a temática étnico-racial e, também, forma rodas de



conversa e palestras que proporcionam um diálogo sobre a população negra na universidade pública. Atuou no Programa de Educação Tutorial (PET) de 2018 a 2021, onde construiu eventos acadêmicos de temáticas diversas e também voltadas à produção audiovisual, como edição, fotografia, roteiros e direção.

Maria Valéria Barbosa

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, mestrado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e doutorado pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é professora assistente doutora na Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, atuando na graduação de Ciências Sociais e Filosofia, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - ProfSocio. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de Sociologia da Educação, com ênfase nos seguintes temas: negro e educação, análise de política educacional, processos de ensino e aprendizagem, Teoria Histórico-Cultural, ensino de Sociologia e Cidadania e Direitos Humanos.

Marleide Rodrigues da Silva Perrude

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1997), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2013). Atualmente é pesquisadora de Pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro NEAB/UEL, docente do Departamento de Educação. Compõe a comissão de homologação das cotas raciais na UEL. Membro do curso especialização em políticas e gestão e educação de Jovens e Adultos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, avaliação de políticas públicas, atuando

principalmente nos seguintes temas: formação de professores, política educacional, orientação educacional, educação de jovens e adultos, diversidade e relações raciais.

Monica Abrantes Galindo

É licenciada em Física, Mestre em Ensino de Ciências e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), atuando principalmente na área de formação de professores, ensino de Ciências / Física e questões étnico raciais e de gênero. Atualmente é Professora Assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - São José do Rio Preto, colaboradora do Programa de Pós Graduação Strictu Sensu de Biociências (UNESP - São José do Rio Preto), coordenadora do NUPE - Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão da UNESP, membro do Conselho Municipal Afro e do CDINN - Coletivo de Intelectuais Negras e Negros.

Paulo Eduardo Teixeira

Graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1987), realizou mestrado em História Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Franca (1999), doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo - USP (2005), e um pós-doutorado em Sociologia pela UFSCar (2018-2019). Em 2022 defendeu a tese de livre-docência em História do Brasil pela UNESP. Desde 2006 é professor assistente doutor da UNESP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, junto ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas (DCPE) da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus Marília, bem como é docente credenciado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma instituição. Atua também no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), criado em 2017. No âmbito



da gestão foi chefe do DCPE e coordenador do Conselho de Curso de Ciências Sociais, ocupando representação docente em diversas comissões locais. Como associado da ANPUH-SP assumiu a presidência da mesma para o biênio 2020-2022.

Priscila Floriano da Silva

Foi bolsista no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) (2018-2020) e Residência Pedagógica (2020-2022), programas de pesquisa e extensão voltados à docência pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP/FFC-Marília. Atualmente, é professora contratada de Geografia e Sociologia da educação básica de ensino fundamental e médio pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Pollyanna Fabrini Silva

Doutoranda em Ciências Sociais pela UNESP/ Marília, atua na área de Antropologia com ênfase nas relações étnico-raciais, principalmente nos temas que versam a construção da identidade negra, racismo e educação, Políticas Públicas para população negra e no eixo gênero, raça e etnia. Desenvolveu trabalhos e projetos que repercutem o papel da mulher negra na sociedade e indicativos pedagógicos para trabalhar com a história e cultura africana e afro-brasileira na rede de educação básica. Com o projeto “A cor da Cultura”, financiado pela Petrobrás em parceria com o Canal Futura, atuou como formadora de professores da educação básica de diversos Estados do Brasil (2011-2014). Foi coordenadora de assuntos estudantis e pesquisadora associada do NEAB-UFU (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia), e coordenadora pedagógica do I Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial no ambiente escolar oferecido pelo Sistema de Gestão e



Monitoramento da Formação Continuada – SISFOR/MEC (2012-2017). Faz parte do Grupo de Pesquisa Enfoques Antropológicos e do Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão – NUPE/ UNESP, ambos coordenado pelo professor Andreas Hofbauer. Atualmente é Diretora de Igualdade Racial do município de Uberlândia alocada na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo onde idealiza e executa projetos em prol da promoção da Igualdade racial.

Robson Justino Guedes da Silva

Estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) membro do programa de Educação Tutorial (PET) do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol).

Thabata Mayara Rodrigues

A Nagô, é moradora da Zona Sul de São Paulo, Graduada em Ciências sociais pela UNESP de Marília, poeta, cronista, slammer e professora da rede pública na região do Capão Redondo, buscando sempre em suas aulas relacionar as disciplinas com o cotidiano de jovens de periferia através principalmente da musicalidade e da poesia

Tiago Vieira Rodrigues Dumont

Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura), Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília. Na área de educação, atuou como professor Supervisor do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e professor Preceptor do PRP (Programa Residência Pedagógica). Atualmente possui vínculo como professor efetivo da disciplina de Sociologia junto a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.



O projeto "Sou Atlântica" é um resgate histórico de representatividade negra. Os estudantes da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC/UNESP Marília) e a Profa. Dra. Maria Valéria Barbosa, do curso de Ciências Sociais do campus, protagonizaram releituras de fotografias de personalidades negras do Brasil e do mundo para uma exposição que, a princípio, foi realizada na própria universidade. Entretanto, a potência da exposição tomou proporções maiores: tornou-se uma exposição itinerante, replicada em escolas públicas do Estado de São Paulo e agora está documentada neste livro.



Corroborando a importância dos estudos acerca das questões étnico-raciais e do resgate da memória ancestral, a exposição foi além das fotografias: foi uma construção coletiva de muito estudo e discussões com o intuito de interligar passado e presente em busca de um futuro melhor para nós. Assim, o projeto “Sou Atlântica” buscou recuperar a história negra que por anos foi silenciada e protegê-la para que não seja mais apagada.

“Sou Atlântica” é a valorização da cultura negra, da nossa existência e resistência que se revela a cada capítulo de forma brilhante e inovadora.

Jéssica Machado dos Santos



FOTOGRAFIA E ESCRITA NEGRA

Este livro traz registros sobre experiências construídas ao longo da elaboração, execução e apreciação da oficina de fotografia e exposição "Sou Atlântica" (2018). A obra e a exposição têm como objetivo realizar releituras e construir narrativas acerca dos registros fotográficos e biografias de personalidades que compuseram o movimento negro no Brasil e no mundo, a fim de demonstrar os elos atemporais que articulam nossas histórias. Assim, vislumbramos enunciar e inspirar modos de vida e resistências possíveis entre o passado, presente e futuro.

